


 Coleção
 Documentos
111

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA:

TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-BRASILEIRO

CENTRO DE LINGUAGENS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação para a Ciência e a Tecnologia

EDIÇÕES BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE


 BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
 ISABEL LOUSADA**

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA:
TRÊS ESTUDOS DE CASO NO
CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-
BRASILEIRO





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves
Isabel Lousada

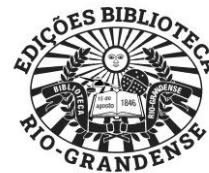
ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-BRASILEIRO



- 111 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: Escrita feminina e imprensa: três estudos de caso

Autores: Francisco das Neves Alves e Isabel Lousada

Coleção Documentos, 111

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, 1895; *Almanaque Popular Brasileiro*, 1893; *AMadrugada*, 4 ago. 1895; *Brasil Feminino*, jun. 1932.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN – 978-65-5306-055-5

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Isabel Lousada é investigadora auxiliar de nomeação definitiva da NOVA FCSH. Membro integrado da equipa de investigação CICS.Nova – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais. Tem orientado os seus trabalhos na linha de Estudos sobre as Mulheres alguns dos quais publicados na Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher. Tem centrado a sua investigação no período de transição da Monarquia para a República. Licenciada em LLM - Línguas e Literaturas Modernas (1984), prosseguiu os seus estudos tendo-lhe sido conferidos os graus de Mestre (1989) e Doutor (1999) em Estudos Anglo-Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Terminou em 2008 o Curso «Techpreneur-Entrepreneurship training» ministrado pelo Nova Forum - Faculdade de Economia UNL.

ÍNDICE

Escritoras portuguesas nos almanaques sul-rio-grandenses / 9

A presença feminina em uma publicação periódica literária e ilustrada portuguesa: *A Madrugada* (1894-1896) / 45

Imprensa feminina no alvorecer da República Nova: Iveta Ribeiro e o ano inicial da revista *Brasil Feminino* / 75

ESCRITORAS PORTUGUESAS NOS
ALMANAQUES SUL-RIO-GRANDENSES

Tendo em vista as relações históricas entre Brasil e Portugal, ambos mantiveram intenso intercâmbio cultural mesmo após a independência do primeiro. Ainda que a instauração da forma de governo republicana tenha trazido consigo certa instabilidade nessas conexões, chegando a ocorrer por curto período o rompimento diplomático entre os dois países, no campo da cultura, as permutas não deixaram de ocorrer e inclusive contribuíram com a reaproximação plena entre eles. Nesse quadro, a intelectualidade teve um papel essencial, mormente através das interações literárias, as quais tiveram na imprensa um veículo fundamental de difusão. Intelectuais brasileiros e lusitanos escreveram em profusão nos periódicos editados do outro lado do oceano, formando verdadeira rede de inter-relações, que ganhou ainda mais corpo na virada do século XIX ao XX. Em tal contexto, os almanaques constituiriam uma publicação que garantiu espaço recorrente a esse tipo de interação, como foi o caso da presença da presença de escritoras portuguesas nos anuários rio-grandenses-do-sul, fulcro deste trabalho.

Os almanaques reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico (LE GOFF, 2013, p. 480). O conteúdo de tais publicações compreendia calendários, jogos, atrações e material recreativo, informativo, científico e literário, trazendo ainda indicações úteis, exercícios literários e previsões, como as vinculadas às estações do tempo, às fases da lua, ao movimento das marés e às profecias (BAHIA, 2010, p. 20). No conteúdo de tais edições, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura, poesia, teatro,

juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis (MOREIRA, 1998, p. 144). Assim, sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como promoviam a oferta de literatura para públicos específicos (CHAVES, 2012, p. 112).

Tal gênero da imprensa tornou-se um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais, e também fornecer um modelo de organização do cotidiano e da vida em sociedade (ANASTÁCIO, 2012, p. 55). Os almanaques refletiam a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre. Eram voltados à leitura individual, mas também à coletiva, trazendo significativa repercussão, pois as informações/opiniões editadas em tais publicações eram repetidas à extenuação, ganhando força na formação da opinião dos leitores. Ao aliar a leitura às representações iconográficas e aos mais variados tipos de passatempos, os almanaques atuavam como uma proposta alternativa em relação às demais modalidades de periodismo então em voga. A partir dessas potencialidades, o gosto pelos almanaques expandiu-se pelo mundo (ALVES, 2014, p. 130), ganhando o gosto dos leitores também no Brasil, inclusive em sua mais meridional unidade administrativa, o Rio Grande do Sul.

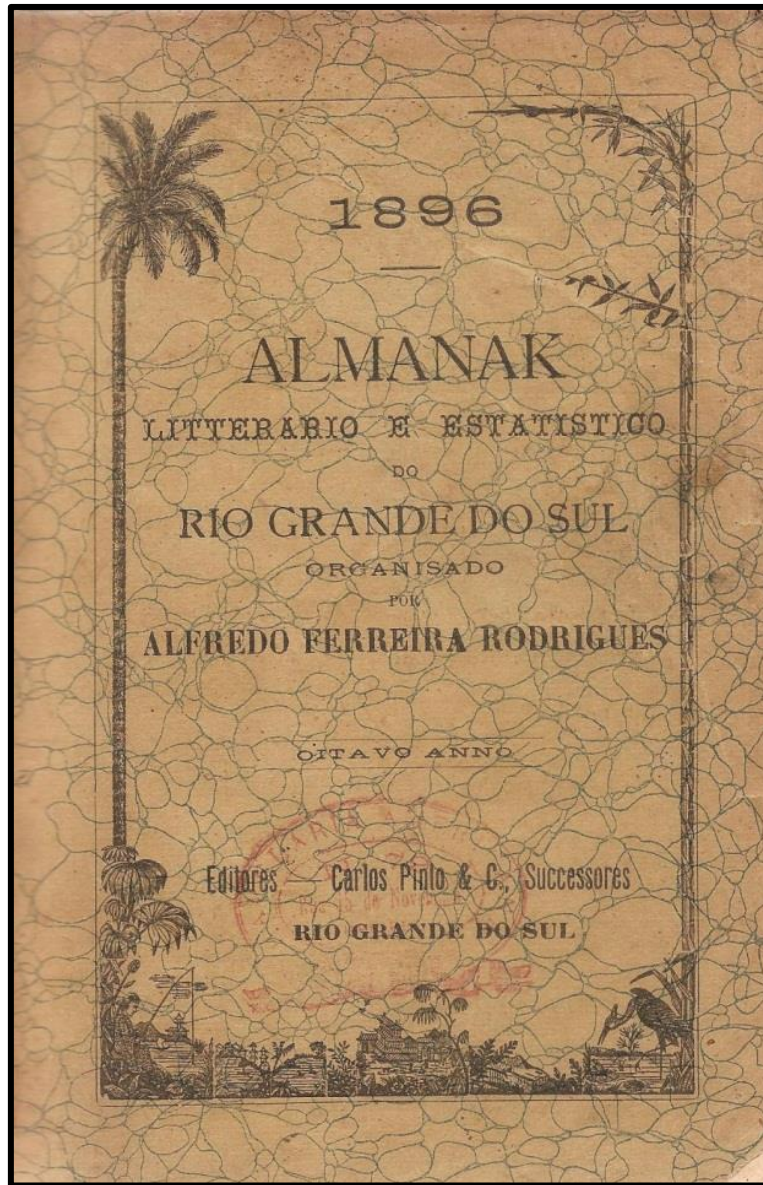
No âmbito rio-grandense do sul da transição do século XIX ao XX, os almanaques tiveram grande voga e prestígio, constituindo o melhor veículo da

poesia, do conto e do estudo histórico, chegando algumas dessas publicações a exercer influência na vida mental (CESAR, 2006, p. 388). Nesse sentido, tais anuários se espalharam por várias cidades gaúchas, constituindo diversificadas formas de expressão histórico-literária, mas mantendo o papel de apreciados mecanismos de difusão do conhecimento (PETERSEN, 1967, p. 4). Desse modo, eles atuavam como excelentes órgãos de divulgação da atividade intelectual, histórica e humorística, entre outras, tornando-se veículos de ilustração dos consumidores de sua leitura e repositório de tudo quanto interessava à economia, à vida rural, urbana, social e política dos sul-rio-grandenses (COSTA, 1967, p. 4).

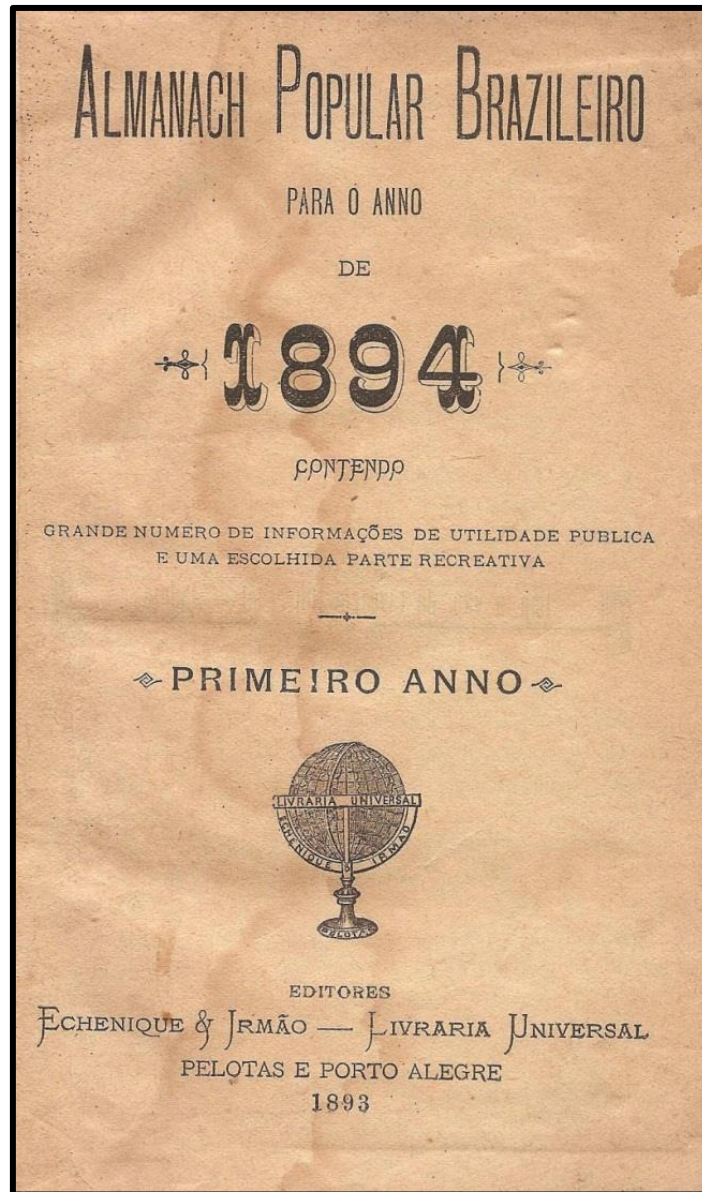
A estratégia editorial empregada pelos almanaques, inclusive os sul-rio-grandenses, era estabelecida de maneira que intelectuais de renome garantiam a qualidade literária do periódico, compartilhando o espaço com autores desconhecidos, estreantes promissores ou colaboradores ocasionais (MOREIRA, 1998, p. 148). Para tal intelectualidade, escrever em periódicos constituía a ocupação de espaços públicos de opinião, de maneira que, colaborar com tais veículos era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras e ainda de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública (PEIXINHO, 2010, p. 427). Esse processo de legitimação editorial por meio da intelectualidade trouxe consigo o constante intercâmbio de autores lusos nos anuários brasileiras, bem como a recíproca foi verdadeira. Tal ação também ocorreu nos almanaques gaúchos, com a participação lusitana nos mesmos,

inclusive das representantes da escrita feminina, como foi o caso de Adelina Amélia Lopes Vieira, Albertina Paraíso, Alice Moderno, Cláudia de Campos e Maria Amália Vaz de Carvalho.

Foram vários os almanaques que circularam no Rio Grande do Sul, notadamente em suas maiores cidades. Dentre eles esteve o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, editado na cidade do Rio Grande, o qual foi um dos mais longevos e organizados dentre os anuários, pois circulou entre 1889 e 1917. Dentre seus objetivos estava o de colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e o progresso regional. Pretendia também, a partir de vários elementos esparsos, fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO, 1888, p. 3). A redação do *Almanaque* apontava para o intento constante de buscar aperfeiçoamentos de ordem gráfica e nas partes estatística e literária, além de informar que o anuário estava aberto para receber colaborações em qualquer sentido (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO, 1889, p. 3). O título inicial era *Almanaque literário e estatístico da província do Rio Grande do Sul*, mas, com a mudança da forma de governo, foi suprimido o “da província”. Nas suas páginas, tornaram-se bastante comuns os textos de natureza histórica, biográfica e geográfica, havendo também um destaque para os de natureza literária.



Outro anuário rio-grandense-do-sul foi o *Almanaque popular brasileiro*, editado em Pelotas, entre 1894 e 1908. Na primeira edição, a redação afirmava que intentara vencer as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo, buscando desempenhar aquele espinhoso encargo, e pretendendo constituir um simples ensaio em meio às publicações daquele gênero. Tal periódico visava a levar ao público uma ampliada parte de informações e uma mais variada parte recreativa (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1893, p. 3). Seus editoras garantiam manter uma constante busca por tornar tal almanaque em uma publicação mais completa, mais variada e mais útil (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 3). Gravuras, textos em prosa e poesia, dados generalizados, jogos, recreações e entretenimentos faziam parte do conteúdo dessa folha, que trazia igualmente desenvolvido segmento voltado a colaborações de natureza científica e literária.



Em meio às escritoras lusas que participaram das edições dos almanaques do Rio Grande do Sul esteve Adelina Vieira. Nascida em Portugal e vivendo boa parte de sua existência no Brasil, a professora, jornalista, contista, teatróloga e autora de livros infantis Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-?) dedicou-se ao ensino das crianças e às discussões sobre novos métodos didáticos e à criação de textos poéticos, teatrais e infantis. Colaborou assiduamente com jornais e revistas brasileiras, como *O Tempo*, *Eco das Damas*, *Revista Brasileira*, *A Mensageira*, *Almanaque do Teatro*, *Almanaque de Lembranças* e *Almanaque das Senhoras*, bem como publicou *Destinos*, *A virgem de Murilo*, *As duas dores*, *Expição*, *Contos infantis*, *Margaridas* e *A terrina* (COELHO, 2002, p. 27; FLORES, 1999, p. 554-555).

A presença de Albertina Paraíso também ocorreu em meio às páginas dos almanaques gaúchos. Albertina de Souza Paraíso (1864-1954) estudou pintora e, além de escritora, foi professora, tendo ainda ampla atuação em meio ao periodismo, como a fundar e dirigir o *Almanaque das senhoras portuguesas e brasileiras*, o *Almanaque das Senhoras Portuenses*, a revista *Alma feminina* e o *Jornal da mulher*. Foi propugnadora do ideal da emancipação feminina e produziu grande quantidade de escritos para as publicações que organizou e outros representantes da imprensa (ABREU; ESTEVES, 2005, p. 35-37).

A escritora Alice Moderno foi uma das recorrentes colaboradas lusas nos almanaques rio-grandenses-do-sul. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno (1867-1946) foi poetisa, professora, jornalista e tradutora, além de ter sido ativista pela emancipação feminina e pelo ideário republicano.

Colaborou com vários jornais, dirigiu o *Recreio das salas* e o *Diário dos Açores*, bem como fundou *A Folha*. Dentre suas publicações podem ser citadas: *Aspirações, O Dr. Luís Sandoval, Açores, pessoas e coisas* (ESTEVES, 2005, p. 43-45).

Cláudia de Campos foi outra escritora portuguesa que colaborou com os almanaques sul-rio-grandenses. Maria Cláudia de Campos Matos (1859-1916) escreveu para diversos periódicos e almanaques, atuou como tradutora e pertenceu a várias entidades cívicas. Publicou os livros *Rindo, Último amor, Mulheres: ensaio de psicologia feminina, Ele e Baronesa de Stael e o Duque de Palmela* (LOUSADA & PATRÍCIO, 2022, p. 105-107).

Também se fez presente nas páginas dos almanaques gaúchos a poetisa portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), autora de obra que envolveu o conto, a crônica, a poesia, a epistolografia, a biografia, a crítica literária e o ensaio. Colaborou com vários jornais portugueses e brasileiros, tendo dedicado significativa parte de seus escritos ao tema da educação feminina. Dentre seus livros figuram *Contos e fantasias, Mulheres crianças: notas sobre educação, Cartas à Luísa, Às nossas filhas e A vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (MARTINI, 2022, p. 163-164).

As colaborações das escritoras portuguesas nos almanaques gaúchos estiveram na sua grande parte vinculadas às composições poéticas. O texto poético constitui um documento social à medida que o assunto tratado, os termos da redação, a escolha dos vocábulos utilizados, a sua ordenação formal, o seu ritmo ou falta dele, a sua intencionalidade, tudo são sinais definidores de

uma sociedade determinada (CARVALHO, 2008, p. 7). Desse modo, a poesia efetua a transferência conceptual de elementos de uma experiência humana, gerando uma consciência de responsabilidade, a partir da iluminação das contingências que cercam o artista (AREAL, 1958, p. 23 e 26). A criação poética, em meio às condições nas quais é produzida, constitui a forma mais complexa e mais sintética de expressão do espírito humano, podendo ser a mais abstrata no sentido matemático do termo, mas sendo também a mais direta, a que menos necessita de um suporte concreto, a mais livre e popular, ou seja, aquela que, na fruição das suas realizações históricas ou no aproveitamento dos seus potenciais criativos, está ou parece estar ao alcance de todos (TAVANI, 1983, p. 24).

Levando em conta a realidade em que foi elaborado, o texto poético é um objeto construído na tentativa de circular e de se validar com base no que constitui, tendo em vista as interações com o meio (ECO, 2004, p. 38; ECO, 1983, p. 192). Desse modo, se dá a possibilidade de descortinar um sentido do texto não em uma perspectiva forçosamente restritiva e limitada, mas antes entendendo o fato concreto que ele veicula apenas como ponto de partida para a consideração de um tema que interessa a todo o destinatário (REIS, 1981, p. 48). A poesia traz em si a ênfase posta pela mensagem em si mesma, sua autodesignação, sua auto-referência, em suma, seu caráter auto-reflexivo (PERRONE-MOISÉS, 1993, p. 41-43). A narrativa poética carrega consigo um certo número de significações implícitas, calcadas na experiência total do mundo, de modo que a imagem por ela constituída não é necessariamente uma fuga para o imaginário, ou seja, a

arte não constitui um refúgio, abrindo a sua criação para a totalidade da experiência do autor (LEFEBVE, 1975, p. 155-156, 161 e 164).

A personalidade da criação poética pode trazer contigo a explosão do desejo, da paixão, do capricho individual, do sexo à flor da pele, do instinto de morte, dos lances do acaso e das contingências que cercam os criadores (BOSI, 1996, p. 40). A poesia se define como uma relação de opostos, equilíbrio instável entre duas forças, uma que aproxima da realidade contingente, outra que favorece a criação de uma realidade nova, à imagem e semelhança da primeira (MOISÉS, 1977, p. 143-144). Nesse sentido, a construção poética carrega em si uma mescla entre as vivências e as manifestações criativas da arte.

Nas construções poéticas que marcaram a presença das escritoras portuguesas nos almanaques rio-grandenses, houve uma predominância do poema lírico o qual por preocupação fundamental o próprio “eu”, com juízos subjetivos, expressando alegrias e admirações, dores e sensações, e um quadro pelo qual o criador poético toma consciência de si próprio na âmago do conteúdo criado, trazendo consigo a expressão da subjetividade como tal, de seu exato conteúdo, da alma e dos sentimentos (MOISÉS, 1993, p. 230). Nesse quadro, sentimentos e criação engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro (MORIN, 2011, p. 9).

Tais poemas foram marcados pelas relações amorosas e também se caracterizaram muitas vezes por uma ascendência da melancolia. O melancólico como alimento da verve poética vem ao encontro da perspectiva de fazer da melancolia a panaceia se não do próprio pensamento, pelo menos da

intencionalidade que caracteriza a relação humana com o mundo, no sentido de que comporta em si a própria finitude, redundando daí uma verdadeira referência universal à melancolia. Fica demarcado assim um efeito de sedução do melancólico, muito comum entre poetas e romancistas, a serviço da composição do campo perceptivo, seja ela apenas imaginária ou propriamente artística. A partir daí o artista cria as formas do melancólico e as reinsere no seio da realidade sensível submetida, daí por diante, a uma harmonia preestabelecida, e, ao sabor de sua fantasia, elabora uma composição que articula em seu seio o sentimento e a realidade (LAMBOTTE, 2000, p. 10-11 e 199-201). As relações entre a melancolia e a arte podem associar-se às carências humanas, a partir de uma inclinação, mais branda ou mais grave, para o estado melancólico, o qual vem a encontrar na arte seu princípio formal (LIMA, 2017, p. 124). Além disso, houve poesia calcada no bucolismo, vindo a abordar as coisas e criaturas do ambiente campestre, rural e os encantos da natureza (CAMPOS, 1978, p. 33). Em meio a essas composições apareceu ainda o poema encomiástico, voltado a louvar alguém, trazendo consigo um elogio formal e incondicional (SHAW, 1978, p. 339).

Em termos de composições marcadas pelo lirismo, Alice Moderno publicou no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, o poema “A tua voz”, que traz sentimento incontrolável pela fala do amado, equiparando a voz do mesmo aos harmônicos sons de uma orquestra e ao canto proferido pelas aves:

Quando tu falas, que sublime harpejo!
Que notas santas! Tua voz suave
É doce como o frêmito dum beijo,
É doce como os trilhos de uma ave!
 A mais encantadora sinfonia,
Os versos mais artísticos e sábios,
Não têm a irresistível poesia
Das frases que murmuram os teus lábios.
 E essas frases dulcíssimas, serenas,
Causa da minha célica esperança,
Lembram-me a pomba de nevadas penas
Levando o ramo à arca da aliança.
 Quando, ao teu lado, te contemplo e escuto,
Fico submersa num cisma bendito,
E, abandonando os crepes do seu luto,
Minha alma vai pairar pelo infinito.
 E ouço, ecoando num sublime harpejo,
A tua voz dulcíssima e suave,
Como o amoroso frêmito dum beijo,
Como os trilhos cadentes duma ave. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTÁTISCO DO
RIO GRANDE DO SUL, 1888, p. 77)

Conteúdo semelhante aparece em outra poesia publicada também por Alice Moderno, no mesmo anuário. A propósito, o poema denominava-se “Lirismo”, e se refere a uma paixão que se manifesta tanto no campo dos sonhos, quanto nas conversas e até mesmo nos silêncios:

Sonhei contigo, e deste sonho etéreo
ficou-me a alma cor da estrela d'alva,
e, ao despertar, livre do atroz cautério
da dor, disse: – Bendito o amor que salva!

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO

Vi-te! Eras tu! Sereno olhar radioso
em que a franqueza interior esplende.
(Fito ainda o teu vulto religioso
cuja harmonia me cativa e prende.)

Como na realidade conversamos
intimamente, sem rebuço ou estudo,
e, bem mais que as palavras que trocamos,
nossos silêncios denunciaram tudo! (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTÁTISCO DO
RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 84)

Ainda de conteúdo lírico, por meio de um soneto, Albertina Paraíso no *Almanaque popular brasileiro*, encontra a inspiração para o título na expressão alemã equivalente ao desejo de não ser esquecida, atribuindo à figura amada – e quase idolatrada – todo o peso da sua felicidade:

Não digas que de mim estás distante!
Não digas que de mim estás ausente!
Quando eu te vejo sempre a todo o instante,
E sempre junto a mim constantemente!

Muitas vezes eu sinto o pranto ardente
Deslizar-me nas faces abundante,
E a tua mão súpil e acariciante
Enxugar o meu pranto meigamente.

Nas largas horas de tristeza, quando
A escura dor me vem avassalando,
Vens tu – visão serena e imaculada! –

De manso, debruçar-te no me leito,
Guardando meus suspiros no teu peito,
– Oh alma da minha alma idolatrada! (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 198)

“A jornada” de Adelina Amélia Lopes Vieira também seguiu o tom lírico, refletindo a respeito das diversas fases da vida humana, desde as felicidades da infância, das descobertas da adolescência, as conquistas da mocidade e as tristezas da velhice:

Infância! Trilho doce, em farta messe
De rodas, cheio de aves multicores,
Onde, do sol aos últimos fulgores,
No regaço materno se adormece.

Adolescência! O mundo que parece
Um perene jardim de eternas flores,
Em que, entre sonhos, pressentindo amores,
O som do baile se mistura à prece.

Mocidade! Luz plena! O céu na terra!
A vida intensa! Amar e ser amada!
Eis a maior das bem-aventuranças!

Velhice! Atra avalanche que soterra
Em densíssima treva ilimitada
Ilusões, devaneios, esperanças... (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1898, p. 123)

Já no alvorecer do novo século, Alice Moderno publicou no *Almanaque popular brasileiro* o poema "*Jugar com fogo*", tratando de um amor invencível, figurativamente originado do choque entre o malho a bigorna:

Bate o ferro gelado em pedra fria
E desse encontro se desprende a luz,
Centelha fulgurante, que irradia
Apenas um segundo... mas seduz.

Assim, ontem, cruzaram-se nos ares,
Adversários cruéis, de lança e arnês,
Com íntimo rancor, nossos olhares,
Que demoramos, sem querer, talvez...

E desse choque inesperado e forte
Brotou a centelha de insensato ardor.
– Diz a escritura: pode mais que a morte,
Que tudo vence, menos ele – o amor! (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 257)

O conteúdo melancólico nas criações poéticas expressas pelas portuguesas nos almanaques sul-rio-grandenses foi um dos mais recorrentes. É o caso de "Sensações" de Alice Moderno, na qual narra a agonia e até um verdadeiro desespero na expectativa de abrir uma carta, buscando com ânsia imaginar o possível sentido da mensagem enviada:

Ao receber a carta, a carta que enviaste,
permaneci febril, nervosa, irresoluta,
como a flor que o tufão faz tremular na haste.

O envelope quadrado, espesso, cor de opala,
tinha o mesmo condão que o sumo da cicuta,
que imobiliza o olhar e que embarça a fala.

Talvez ele encerrasse a lúgubre sentença
que vinha arrebatá-me uma ilusão dourada,
e vinha aniquilar a minha última crença.

Talvez viesse fechar-me a derradeira porta
pela qual entrevi, ardente, imaculada,
a esperança ideal que tanto nos conforta.

Abri-o lentamente; um sacrossanto intuito
dizia-me que lesse a carta misteriosa:
é porque, sem sabê-lo, eu já te amava muito!

Abri-a lentamente, e, enérgica, impelida
por sensação vibrante, ignota, luminosa,
olhei-te muita vez. Em toda a minha vida,

Conservarei na mente a dúcida lembrança
desse dia tão belo, encantador e grato,
em que realizei uns sonhos de criança,
lendo as tuas canções, fitando o teu retrato! ! (ALMANAQUE LITERÁRIO E
ESTÁTISCO DO RIO GRANDE DO SUL, 1889, p. 90)

A temática da correspondência voltou a ser abordada por Alice Moderno em “A tua carta”, narrando a tristeza do amor que se esvaecia, conforme poderia ser observado na alteração do estilo de escrita das missivas de outrora e as do presente:

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO

A tua carta, recebida agora,
é tão cerimoniosa, realmente,
que eu fui buscar as que escreveste outrora
e comparei-as a esta do presente.

E fiquei-me a cismar bem tristemente:
já desfalece, é certo, já descora
o amor incomparável e esplendente
que em sua alma raiou como uma aurora!

E então revi na mente escandecida
as fases da paixão já esquecida
que te fez palpitar o coração!

Olha, esta tua carta, a derradeira,
veio ensombrar uma existência inteira,
desfolhando-lhe a última ilusão! (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTÁTISCO DO RIO
GRANDE DO SUL, 1892, p. 129)

A mesma escritora inspirou-se na obra do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe para redigir “Margarida e Fausto”, referindo-se a uma relação amorosa que tenderia ao fracasso, uma vez que era intermediada por uma figura que trazia em si a encarnação do mal:

Ao ver-se já tão velho, o doutor Fausto,
cravando o olhar sútil em Margarida,
sobre as aras do amor, em holocausto,
quer imolar-lhe a ciência, a alma e a vida!

“Mefistófeles! brada. A vida é escura
e o amor claro e vermelho como um cacto...
Oh! concede-me ao menos a ventura
de realizar o tenebroso pacto!

Vale bem mais de amor uma hora apenas
do que essas existências mais serenas
do que as ondas do mar, que não têm vida.

Mefistófeles, surge! A crença é morta!
Olha, do teu inferno eu bato à porta,
mas dá-me em troca o amor de Margarida.” (ALMANAQUE LITERÁRIO E
ESTÁTISCO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 127)

Igualmente no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, a mesma Alice Moderno apresentou “Seu nome”, também carregado nas cores melancólicas, revelando uma paixão inspirada até mesmo no nome do amado, imaginando que tal pretensão amorosa se estenderia até mesmo para o além-túmulo:

Há no seu nome, um nome diamantino,
que me inspira, me eleva e me consola,
a limpidez de um lago cisalpino
e a piedade infinita de uma esmola.

Sendo pequeno e doce, em si resume
tudo quanto há de grande e santo e bom,
desde a flor que nos dá o seu perfume
à vibração da qual deriva o som.

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO

Eu que nunca fui dada ao misticismo,
nem pude ter divagações ideais,
murmuro-o muita vez, e o fetichismo
não tem adeptos que o respeitem mais.

A nenhum melhor senta um diadema,
e tem em toda a parte o seu lugar,
nas páginas brilhantes de um poema
e nas aras divinas de um altar.

Quando eu morrer, e, pela vez primeira,
me sossegar o inquieto coração,
será seu nome a prece derradeira
que eu hei de balbuciar, cheia de unção,

E a forma que lhe der, ao perpassar,
esse nome, que é benção e é escudo,
religiosamente há de guardar,
inda depois, meu frio lábio mudo.

Nome de luz! Nome que em si resume
tudo quanto há de grande e santo e bom,
desde a flor que nos dá o seu perfume
à vibração da qual deriva o som. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTÁTISCO DO RIO
GRANDE DO SUL, 1895, p. 201)

Uma melancólica despedida é o tema abordado por Adelina Amélia Lopes Vieira no poema “Adeus”, que se referia à interrupção de uma relação, carregada de lamentos, equivalendo tal criação poética a um canto de lamento:

E pararam à porta; a que saia
Tinha na trança de ouro entrelaçada
A flor da laranjeira, a flor do amor,
Vaporosa, a roupagem mal cobria
As formas ideais; ia apressada,
Risonha, acesa em sideral rubor.

A que entrava trazia alvo de arminho
Longo e pesado véu, os olhos belos
Rasos de pranto. Ensanguentara os pés
Nas agruras e abrolhos do caminho;
Tinha soltos e negros os cabelos,
Suave aspecto, etérea palidez.

Olharam-se um instante: – “Já te ausentas?
Dize, porque, oh! divinal criança?!”
A triste assim falou; a loira a rir
Respondeu: “Porque chegas; tu lamentas,
Eu canto, és a saudade, eu a esperança,
És a dor do passado, eu o porvir.”

E partiu e voou. A dolorosa
“Volta!” gritava, “esperança! é muito cedo!”
“Não” tornou a esperança. A outra então
Viu-a ocultar-se em nuvens e, chorosa,
Foi-se embrenhando pouco a pouco, a medo,
No asilo do mistério – o coração! (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 234)

Ainda da lavra da mesma escritora, o *Almanaque popular brasileiro* trouxe em suas páginas o poema “Anoitece”, igualmente melancólico ao comparar o desaparecimento do sol com a inevitável finitude da vida:

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO

Véu de tristeza a terra e os céus invade;
De espaço a espaço, ave agourenta pia;
O orvalho chora, e, em lenta suavidade,
Badala o sino ao longe – Ave Maria;

Ave Maria, essa hora em que à saudade
Da luz se junta o horror à treva fria,
Tão cheia de mistérios e ansiedade,
Tão repassada de melancolia!

Cheguei também da vida a essa hora triste,
Crepúsculo, em que o sol já não existe,
Em que a luz da ilusão desaparece.

Horas ardentes em que o sol fulgura!
Horas de amor! de glória! de ventura!
Dia! porque me foges?! Anoitece... (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1904, p.
270)

O conteúdo bucólico, com a exaltação das forças da natureza, especificamente no que tange à beleza expressa nas cores das borboletas, ficou demarcado na composição de Alice Moderno. Sob o título “As borboletas”, a poetisa exaltava o encanto de tais insetos, mas se referia ao breve período de existência, comparando tal vicissitude às pouco duráveis ilusões dos poetas:

Apenas desponta o dia,
Doidivasas, irrequietas,
Sob as densas ramarias,

Vão as belas borboletas.

Vi-as junto a mim passar,
E fiquei-me a suspirar.

Sem receios nem temor,
Espalham-se entre a verdura;
Da brisa é túbio o rumor,
Mas no céu tudo é negrura.

E no meu seio oprimido
Solta a dor o seu vagido.

Ruge o vento. Destroçado
O alegre esquadrão ficou.
A morte lhes deu o fado,
Nem uma ao seu lar voltou.

São como essas borboletas
As ilusões dos poetas. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1897, p. 212)

Mantendo em sua criação poética a presença do bucolismo associado à melancolia, Adelina Amélia Lopes Vieira colaborou com o conteúdo de um anuário gaúcho através do soneto “É tarde”, em que um quadro composto por vários elementos da natureza serve de cenário para uma referência às mágoas e à morte:

Assim, na sombra, esconde-te, alma triste,
Não procures o sol que esplende fora;

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO

Oh! não te aquecerá! da tua aurora,
Do teu dia de luz, já nada existe.

Se a um raio ousado e quente o seio abriste,
Se a tua noite horroriza agora,
Pensa que é tarde, e padecendo chora,
Que as lágrimas são bálsamo. Resiste.

Lembram-te, sei, alfombras orvalhadas,
Todas cheias de luz e de violetas,
As pombas, pelo azul, em revoadas,

As ondas do mar alto irrequietas,
As montanhas, ao longe, iluminadas...
Morre! Mas cala mágoas indiscretas. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1905, p.
278)

Em termos encomiásticos, Alice Moderno utilizou-se de seus versos para prestar uma homenagem a um ator, naquilo que denominou de “Sua festa artística”, descrevendo alguns das ações promovidas pelo mesmo quando se encontrava encenando no palco:

– Quem és tu? quem és tu? Na tua vasta fronte
sulcos diviso! Acaso os traçaria a dor,
que entristece uma vida e ensombra um horizonte?
Quem és tu? quem és tu? – Eu sou um sonhador!
– Caminhas sem cessar! Que febre te consome?
Esperas do futuro esplêndida, conquista?
Sei que és um sonhador; não sei qual é teu nome...
– Só um aspiro a ter. – E é esse nome? – Artista!

– Vejo-te pensativo! Acaso tens sepulto,
Visto que Deus contigo as ditas não reparte,
no âmago do peito uma paixão, um culto?
– Oh! sim! Eu amo alguém. – E esse alguém? – A arte!
– Em teu profundo olhar brilha uma chama ardente,
sei que te chamam rei, os príncipes da pena,
e eu quisera admirar teu trono auri-fulgente;
aponta-me onde está! – Tenho por sólio a cena!
– Artista, sonhador, amante, rei, portento!
és mártir: vais trilhando uma existência inglória!
Quem é que faz justiça ao mérito, ao talento?
– Fá-lo alguém! – E esse alguém? – Quem há de ser? A história. (ALMANAQUE
LITERÁRIO E ESTÁTISCO DO RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 83)

Os textos em prosa de autoras portuguesas, na forma de pensamentos e de crônica, ainda que em bem menor quantidade, também se fizeram presentes nos almanaques sul-rio-grandenses. O tema que os orientou esteve vinculado ao papel social da mulher, reproduzindo a ação que as representantes do sexo feminino desempenharam para promover seu pensamento por meio do jornalismo. Tal perspectiva advinha do fato de que muitas mulheres escritoras assumiram a imprensa como veículo de propaganda eficaz do seu ideário, pelo qual se entregaram e sacrificaram, apostando no seu efeito multiplicador. Elas não pretendiam perder uma oportunidade que fosse para reivindicar, denunciar, instruir e refutar, estando cientes de que a palavra escrita faria o seu caminho, amplificando o alcance espacial e temporal da sua mensagem, de modo que o periodismo serviu de amplificador da voz que elas queriam fazer ouvir

(LOUSADA, 2021, p. 18). Em tal conjuntura, os anuários gaúchos constituiriam também ferramentas para a expressão de tais mensagens.

Em um desses textos, intitulado “A mulher”, Maria Amália Vaz de Carvalho enaltecia o papel feminino nos cuidados com as doenças, fosse no âmbito doméstico, fosse no hospitalar. Nesse sentido, a escritora afirma que “não há para uma mulher de vasto entendimento e de nobre coração mais elevado destino que o de consolar a enfermidade, no desalento, na desgraça, ou na injustiça, um espírito digno de entendê-la” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 284). Referindo-se aos sentimentos maternos, Alice Moreno destaca que “em toda a mãe há uma heroína que arriscou a vida pelo amor”, e completava com a ideia de que “entre duas pessoas que se amam, os silêncios têm uma significação muito mais completa e incomparavelmente mais alta do que as palavras” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 91).

Ainda com referência ao papel social da mulher, Cláudia de Campos publicou no *Almanaque Popular brasileiro* o texto “Conselho às mães – educação das crianças”, no qual opinava a respeito da criação das meninas, criticando os hábitos que condenavam a mulher à submissão desde a infância:

São muitas vezes as próprias mães que, levianamente, cuidando contribuir para que seus filhos sejam um conjunto de preciosidades morais, lhes dão a primeira ideia do mal, assacando-lhes defeitos que os inocentinhos nem sequer sonham ainda. Deplorável ilusão esta! Quem poderá observar sem mágoa a mãe que, de dedo

erguido a significar ameaça diante da frágil criaturinha, a quem deu a existência seis anos antes, lhe diz com energia:

– A menina mentiu; fez isso por maldade; é uma teimosa, não tem vergonha nenhuma, etc.

Quantos defeitos tem já a pobre criança! Impostura, ruindade, obstinação, desvergonhamento! O que aí vai! Por este caminhar, dentro de poucos anos deve ser um monstro.

O pior não é ainda o martírio infligido ao tímido coraçãozinho com aquela catilinária. O pior são os resultados provenientes de tão bárbaro sistema. A criança, que não tem condições para a luta, debaixo do peso de acusações que mal compreende, submete-se. E assim se vai a desconfiança a pouco e pouco apoderando da sua alma nascente, até expungir de lá os inatos e puros sentimentos de confiança em tudo, que são o mais encantador atributo da infância.

Injuriada quase desde o berço, a criança aprende a desprezar-se. Daqui à perda total do brio medeia pouco espaço. Quem se não prezar a si, como há de aspirar ao respeito dos outros?

Quantas crianças não perdem o amor ao estudo à força de ouvirem dizer que são descuidadas nas suas lições, e de o ouvirem diante seja de quem for?!

Repetir por hábito às vistas que a menina da casa é preguiçosa, obrigando-a a escutar impassível e a pé quedo a pungente censura, não é senão afrouxar-lhe o brio.

Quem atentar bem nas brincadeiras de qualquer criança reconhece logo o sistema de educação que a dirige. Tenho visto meninas que a brincar maltratam as bonecas, aplicando-lhes frequentes castigos, ralhando constantemente com elas, batendo-lhes sem dó. Outras então cobrem poeticamente de afagos a insensível figurinha com que se entretêm, dando-lhe brandamente conselhos, ensinando-lhe a rezar, admoestando-a sem nunca empregar palavras grosseiras nem agressivas.

Como explicar a antinomia destes procedimentos?

Mera inclinação natural isso não, que a inocência tem toda a propensão para a meiguice e para o trato carinhoso. A diferença do modelo que procuram imitar é a única explicação natural do fenômeno. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 202).

Assim, como promotores da difusão de informações generalizadas, envolvendo diversificadas áreas do saber humano, os almanaques constituíram-se em publicações anuais que bem caracterizavam a característica da perenidade que envolvia a imprensa de então, ou seja, as informações/opiniões expressas em suas páginas perduravam pelo largo período de um ano. O gosto por tais anuários ganhou o mundo e também se fez presente no Brasil em suas várias unidades administrativas, inclusive a mais meridional delas, o Rio Grande do Sul. Dentre os almanaques sulinos tiveram destaque o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque popular brasileiro*, editados em duas das mais progressistas cidades gaúchas daquela virada do século XIX para o XX, Rio Grande e Pelotas. Como era tradição desses anuários no âmbito internacional, ao lado das generalidades, apareciam textos de autoria desde intelectuais reconhecidos até escritores novíços, que encontravam naquelas publicações espaço para divulgarem seus escritos. Nos dois almanaques rio-grandenses, a grande maioria dos escritores eram do sexo masculino, entretanto, as mulheres não deixaram de marcar presença em seu conteúdo, como foi o caso de algumas escritoras portuguesas, que se manifestaram com composições poéticas de teor lírico, melancólico, bucólico e encomiástico e mesmo com prosas voltadas à abordagem de uma nova função social para a mulher. Nesse quadro, os almanaques rio-grandenses-do-sul também tiveram seu papel no processo de integração

intelectual e cultural luso-brasileira, apertando os laços entre ambos países por meio do intercâmbio de colaborações¹.

Fontes

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1890. Rio Grande: Livraria Americana, 1889.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1893. Rio Grande: Livraria Americana, 1892.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1894. Rio Grande: Livraria Americana, 1893.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1896. Rio Grande: Livraria Americana, 1895.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1894. Pelotas: Livraria Universal, 1893.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1896. Pelotas: Livraria Universal, 1895.

¹ Texto publicado originalmente em: *Miscelânea*, Assis, v. 34, p. 51-74, jul.- dez. 2023.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1898. Pelotas: Livraria Universal, 1897.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1899. Pelotas: Livraria Universal, 1898.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1901. Pelotas: Livraria Universal, 1900.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1902. Pelotas: Livraria Universal, 1901.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1905. Pelotas: Livraria Universal, 1904.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1906. Pelotas: Livraria Universal, 1905.

Referências bibliográficas

ABREU, Ilda Soares de; ESTEVES, João. Albertina de Sousa Paraíso. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: difusor do gosto pelos almanaques em terras sul-rio-grandenses. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 129-156.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanagues. Origem, gêneros, produção feminina. In: *Veredas*. Santiago de Compostela, n. 18, p. 53-74, 2012.

AREAL, Antonio Santiago. *Estrutura do sentido antecedido por análise e definição da poesia*. Lisboa: Portugália Editora, 1958.

BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia. In: BOSI, Alfredo (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 7-50.

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CARVALHO, Rômulo de. *O texto poético como documento social*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.

CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria

Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 111-122.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COSTA, Renato. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e os seus almanaques. In: *Correio do Povo*, 14 jan. 1967, a. 72, n. 87, p. 4.

CRUZ, Eduardo da; ABREU, Sérgio Luís Silva de. Adelina Lopes Vieira. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 2. p. 17 18.

ECO, Umberto. *Leitura do texto literário – lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos literários*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. 2.ed. Aigés: DIFEL, 2004.

ESTEVES, João. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p. 43 45

FLORES, Ilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2000.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1975.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LOUSADA, Isabel. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: ALVES, Francisco das Neves & LOUSADA, Isabel. *A imprensa como bastião da escrita feminina: estudos no contexto sul-rio-grandense e português*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 12-18.

LOUSADA, Isabel & PATRÍCIO, Sandra. Cláudia de Campos. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 105-107.

MARTINI, Elisabeth. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 163-164.

MOISÉS, Massaud. *A criação poética*. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – poesia*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, v. 33, n. 3. p. 143-149.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 423-436.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.

PETERSEN, Júlio H. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e os seus almanaques. In: *Correio do Povo*, 15 jan. 1967, a. 72, n. 88, p. 4.

REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. 3.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

TAVANI, Giuseppe. *Poesia e ritmo: proposta para uma leitura do texto poético*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1983.

A PRESENÇA FEMININA EM UMA
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA LITERÁRIA
E ILUSTRADA PORTUGUESA: *A*
MADRUGADA (1894-1896)

Ao final do século XIX, as inter-relações luso-brasileiras passaram por mudanças drásticas, variando entre tendências de ruptura e de conciliação. A mudança na forma de governo do Brasil iria trazer certo estremecimento entre os dois países, notadamente a partir do crescimento de um movimento xenófobo e radical no contexto brasileiro, que encontrou nos portugueses um de seus principais alvos de oposição. A cedência de asilo a rebeldes brasileiros em naus lusitanas presentes no Rio de Janeiro aprofundou ainda mais a crise, chegando ao rompimento diplomático brasileiro-lusitano que se estendeu entre os anos de 1894 e 1895. A partir de então, passou a se estabelecer um novo processo voltado à reconciliação, o qual ficou demarcado pelo reatamento das relações diplomáticas e teria a sua culminância com as comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Tal disposição voltada à reaproximação teve na participação da intelectualidade uma força bastante ativa, de modo que o intercâmbio cultural, significativamente recorrente ao longo do tempo, passou por um recrudescimento ainda maior, com o aprofundamento de um projeto integracionista, para o qual a imprensa periódica desempenhou relevante papel.

Os decênios derradeiros dos Oitocentos corresponderam a uma etapa de expansão do jornalismo português. Nessa linha, a nação lusa não deixou de contar com um periodismo significativamente desenvolvido em patamares que envolveram alcances e limites, progressos e defasagens, escassez de recursos e aprimoramentos gráficos e editoriais, que a colocariam em condições de apresentar jornais compatíveis com o desenvolvimento da imprensa em termos

mundiais. De acordo com tal perspectiva, o jornalismo lusitano evoluiria calcado em modelos externos, mas não deixando de também apresentar determinadas peculiaridades em relação à realidade de outras nações. Essa característica advinha da existência de padrões “de comunicação intermutáveis entre os diferentes países ou áreas geográficas”, levando em conta os momentos em que foi verificado “algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como em nível da técnica, da difusão ou de outras questões especificamente jornalísticas”. Assim, “a especificidade de cada país ou área cultural ou linguística” viria também a estabelecer “algumas diferenças significativas na evolução da história do jornalismo desses países ou áreas”, a partir de “traços comuns, certamente com ‘empréstimos’ de um país a outro, mas com uma especificidade intrínseca” em cada um deles (QUINTERO, 1996, p. 11).

Nesse sentido, o jornalismo luso, após as agitações bélicas e revolucionárias das primeiras décadas do século XIX, iria se afirmar constantemente e, notadamente a partir da segunda metade de tal centúria, passaria por uma de suas etapas de maior progresso. Desse modo, a imprensa aparecia como “a representação tangível do raiar de uma instituição revolucionária nos domínios da inteligência, a qual viria concitar a atenção de todas as curiosidades e atrair e seduzir as penas de todos os escritores”. Além disso, “com o rodar dos anos”, ela se converteria “num instrumento novo de primacial importância no intercâmbio e na reciprocidade das relações do espírito, como nas de trato ou interesse meramente utilitário” (CUNHA, 1942, p.

23). Assim, durante os Oitocentos, os jornais tiveram “um desenvolvimento assombroso”, de maneira que “política, ciência, artes, questões sociais, tudo” eles invadiram, “tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial” (REMÉDIOS, 1930, p. 545). A relevância dos periódicos vinha ao encontro da premissa pela qual “o jornal não matava a fome do leitor, porque a mantinha acesa para o número seguinte”, além disso, “a sua duração não era como a dos livros”, ou seja, “repousada, longa e sábia”, e sim existia “à desfilada, de dia para dia, aos saltos de povo para povo, de continente para continente, sem possibilidade de envelhecer”, e, apesar das intempéries, escapando “às guerras, às pestes e aos sismos”, e mantendo sua força viva junto à comunidade na qual circulava (MANSO, 1942, p. 10).

De acordo com tal tendência de avanços, a imprensa portuguesa teria nos últimos decênios do século XIX uma etapa de vigor e expansão quantitativa e qualitativa. Ocorreria então um “movimento extraordinário” e um “desenvolvimento maravilhoso” no seio do periodismo lusitano e, apesar da população ser mais reduzida, se comparada a outras nações, e de Portugal ficar “atrás de muitos países no que se referia a vários outros elementos do progresso da civilização europeia”, no que tange às atividades jornalísticas, poderia ser colocado “ao nível das nações mais civilizadas da Europa” (ARANHA, 1900. p. 5 e 47). Havia então “uma verdadeira febre de jornais”, pelos quais estavam “representados não só os grupos políticos” em que aparecia dividida a sociedade portuguesa, “do mais conservador, ao mais avançado e radical, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria”, dos quais “em quase

todas as cidades”, havia “uma representação de destaque” (ARANHA, 1894, p. 12-13).

Os avanços do jornalismo luso nas décadas finais do século XIX foram além da própria expansão quantitativa, havendo também melhoramentos qualitativos, expressos tanto no aprimoramento tecnológico da impressão, como também através da qualidade gráfica das páginas impressas. Os progressos se davam também no campo editorial e redatorial, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos “grandes nomes” das letras e do pensamento lusitano colaboraram “assiduamente na imprensa periódica”, fazendo com “que o nível geral do jornalismo” subisse “consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica”, fossem “redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado” (TENGARRINHA, 1989, p. 160). Constituíam-se, assim, uma “nova fase da imprensa” que passou a contar “com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses”, ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo (RODRÍGUEZ, 1996, p. 360). Era uma época em que escrever em periódicos constituía “uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião”, de maneira que, “escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras”, ou ainda, “de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública” (PEIXINHO, 2010, p. 427).

Além disso, desde a segunda metade dos Oitocentos e mais acentuadamente nos decênios finais da centúria, se daria o predomínio de uma nova fase organizacional, com significativa mudança no sentido editorial da imprensa portuguesa. Passava então a predominar “uma imprensa consideravelmente imbuída pela notícia em oposição à anterior hegemonia da imprensa de opinião”, de modo que a informação viria a constituir “a principal preocupação e objetivo”, dando-se “a gênese da imprensa contemporânea”, a qual transportava “de imediato à polêmica sobre o conteúdo da informação, à sua verdade ou à sua manipulação” (ALVES, 2005. p. 164). Dava-se, assim, uma inversão entre “o antigo jornalismo” o qual foi “um agente de propaganda, uma arma de combate” e “o novo jornalismo” que se tornou, “ao mesmo tempo, uma indústria com importantes capitais empregados e o uso de meios mecânicos consideráveis” (CUNHA, 1898, p. 7).

Dessa maneira, ficavam estabelecidas no país “as condições propícias à transformação industrial da imprensa”, por meio de um periodismo “predominantemente *noticioso*”, o qual se opunha à imprensa dominada pela “*opinião*”, em um contexto no qual “estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo”, que tinha a informação como a sua maior meta. Tal mudança devia-se à “necessidade de encontrar um público mais largo” que fazia com que o periódico procurasse “manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim *a todos* e não a um grupo de leitores ideologicamente afim”, que, por sua vez, seria “necessariamente muito mais restrito”. De acordo com tal perspectiva, o que “interessava era vender o mais possível, sacrificando tudo a

isso”, de modo que a publicação também passava a constituir “uma *mercadoria*”, embora fosse um produto “essencialmente transitório, apenas com valor durante algumas horas”. Ainda assim, mesmo aquele jornal que se afirmasse “exclusivamente noticioso”, também poderia ter “uma posição mais ou menos visível”, com a qual o leitor poderia ou não concordar, de forma que, “embora surgindo, cada vez em maior número e com maior projeção”, periódicos “exclusiva e preponderantemente noticiosos, continuavam a aparecer importantes jornais de opinião”, ou ainda, “simultaneamente de informação e opinião”. Nesse sentido, “ao lado dos jornais puramente noticiosos, continuavam a existir, ou até a aumentar em número e importância, os de caráter político e as publicações de todas as espécies” (TENGARRINHA, 1989, p. 213, 215, 219-220, 222 e 231), acentuando-se uma especialização das atividades jornalísticas (ALVES, 2017, v. 1, p. 61-66).

Em tal contexto, as publicações ilustradas caíram no gosto do público, ainda mais nas derradeiras décadas do século XIX. A presença de periódicos ilustrados também servia como um dos fatores para demonstrar os avanços do periodismo luso em relação a outros países com atividades jornalísticas amplamente desenvolvidas. Além disso, “a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito”. Tal perspectiva “tornou-se sobretudo mais evidente com a larga divulgação dos ‘jornais populares’”, destinados a um “público mais amplo”, uma vez que, “reconhecia-se que a imprensa muito ilustrada de caráter popular permitia mais facilmente

transmitir mensagem” até para os “menos letrados que tinham dificuldades de leitura ou mesmo eram analfabetos” (TENGARRINHA, 2013, p. 865-866).

Em muitos casos, a imprensa ilustrada encontrava-se associada à literatura, dando ênfase aos propósitos de expansão da cultura, difusão da leitura e divulgação de criações literárias. Muitos escritores, desde os iniciantes até os mais renomados, encontravam na imprensa ilustrada-literária um elemento propulsor de sua obra. No seio de tal gênero jornalístico esteve *A Madrugada*, a qual promoveu por meio do texto e da gravura uma busca constante do mútuo conhecimento entre as realidades culturais existentes nas conjunturas lusa e brasileira. Essa folha literária e ilustrada circulou entre outubro de 1894 e dezembro de 1896, contando com quatro páginas e o tamanho de 46 centímetros (RAFAEL & SANTOS, 2002, v. 2, p. 82) e suas páginas serviram em larga escala ao projeto de integração brasileiro-lusitano, ao promover um intenso intercâmbio cultural em meio ao qual houve o protagonismo de representantes da intelectualidade de cada um dos países.

A fundação e direção de *A Madrugada* couberam ao escritor luso-brasileiro Oscar Leal (1862-1910), que nasceu no Brasil, mas, de família portuguesa, foi criado na Ilha da Madeira, onde teve a sua formação escolar inicial. A complementação de seus estudos e a formação acadêmica foram realizadas no eixo Rio de Janeiro – Lisboa, vindo a tornar-se dentista. A prática de uma odontologia itinerante permitiu-lhe exercer uma de suas vocações voltada às viagens, promovendo excursões que abrangeram vários países sul-americanos, o continente africano e a Europa centro-ocidental. O Brasil foi o local por onde

mais viajou, mormente pelo interior do país, com preferência pelas regiões centro-oeste e norte. Desde cedo buscou lançar-se no caminho das letras, vindo a publicar vários livros, muitos deles vinculados à literatura de viagem, além da escritura de contos, crônicas e poemas. Como literato e estudioso, Leal conseguiria angariar certa notoriedade intelectual, tanto que pertenceu a várias instituições culturais e científicas luso-brasileiras e de outros países (BLAKE, 1900, v. 6, p. 339-340; LEAL, 1904, p. 1; PEREIRA & RODRIGUES, 1909, p. 98; e SILVA, 1894, p. 131).

Em torno de sua atuação, Oscar Leal intentou organizar um projeto de vida, com o qual angariasse o máximo possível de contatos intelectuais, daí ter organizado uma verdadeira rede de inter-relações com outros escritores, notadamente no circuito Brasil-Portugal, utilizando-se significativamente da imprensa para a realização de tal intento. Odontólogo, naturalista, contista, cronista, poeta, periodista, conferencista, Leal buscou dar um caráter múltiplo em sua ação profissional/intelectual. A essas atribuições intentou realizar outra, a de editor jornalístico. Não é para menos que ao longo de suas tantas jornadas pelo Brasil e em Portugal manteve várias propostas de edição de periódicos. Nesse sentido, fundou e dirigiu o *Dentista*, publicado em Goiás e Uberaba; a *Tesoura*, na Bahia; o *Bragantino*, no Pará; o *Boêmio*, em São Paulo; o *Correio dos Clubes* e o *Popular*, no Rio de Janeiro; a *Antessala*, em Lisboa; o *Viajante*, em Corumbá; e o *Tributo às Letras*, em Cuiabá. Fixando-se definitivamente em Lisboa, ele editou *A Madrugada*, e a *Revista de Lisboa*, entre 1901 e 1908. Assim, ao lado dos tantos livros que publicou e das inúmeras colaborações na imprensa

que redigiu, Oscar Leal dedicou-se à organização de jornais, que, como os próprios títulos indicavam, relacionavam-se com suas predileções e com seus projetos de vida, tais como a profissão de dentista, os prazeres da vida noturna, a literatura e a vocação para viajante.

A folha literária e ilustrada apresentava em seu frontispício o dístico “Revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica”, revelando a proposta bastante ampla de seu norte editorial. O periódico anunciava que sua redação seria “composta dos melhores escritores portugueses”. Sua proposta de circulação era mensal, mas houve várias interrupções na sua edição, de modo que foi publicado um total de quatorze números, referentes a outubro, novembro e dezembro de 1894; em janeiro de 1895 houve uma falha na edição, que prosseguiu em fevereiro do mesmo ano, ocorrendo nova interrupção em abril, retornando em maio e junho de 1895, ocorrendo outra interrupção em julho, para retomar em agosto, setembro, outubro e dezembro de 1895, com mais uma falha em novembro de tal ano. O último ano de edição foi o mais irregular, havendo publicações apenas nos meses de janeiro, março, setembro e dezembro de 1896, com interrupções em fevereiro, abril, maio, junho, julho, agosto, outubro e novembro do mesmo ano.

Buscando ampliar ao máximo a distribuição no quadro brasileiro, a empresa anunciava que contava com “colaboradores-correspondentes no Brasil”, os quais se espalhavam pelas diversas regiões, norte, sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, estendendo-se até mesmo ao Peru, não por acaso demarcando lugares que contaram com a presença de Oscar Leal durante suas

tantas excursões. Nessa linha, os “colaboradores-correspondentes” se localizavam em Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará e Iquitos (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1). Um outro país sul-americano viria a somar-se a tal listagem, com mais um “colaborador-correspondente” em Buenos Aires (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, série 1, n. 2, p. 1). Tais interfaces permitiam amplo intercâmbio, o que ficava demarcado a partir de aviso segundo o qual “números desta folha” poderiam ser “encontrados à venda a 400 réis o exemplar”, nas seguintes localidades: Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Uberaba (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 4).

Além da informação do cabeçalho sobre a redação da *Madrugada* ser composta “dos melhores escritores portugueses”, que permaneceu ao longo de todos os números, a partir da edição de setembro de 1896, no “Expediente”, aparecia: “Redatores e colaboradores – D. Guiomar Torresão, Aluizio de Azevedo, Júlio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliodoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.”. Mas o rol de escritores presentes nas páginas de *A Madrugada* foi bem mais amplo, de modo que, através de seus quatorze números, foram editados extratos ou colaboraram nomes menos ou mais conhecidos e/ou notáveis, em meio ao mundo intelectual brasileiro-lusitano. Na apresentação da publicação literária e ilustrada, seu diretor se referia ao fato de ter aceitado uma “ádua missão”, apesar dos “dissabores” que dela poderiam advir. Anunciava que iria mais uma

vez adentrar a “cultura das letras”, ingressando novamente nesse “grande meio”, em referência às suas iniciativas anteriores na edição de jornais. Dizia acreditar em uma boa recepção, saudava a liberdade de imprensa e justificativa o título da folha, como uma alusão ao horário preferencial dos escritores para se dedicarem à sua faina, durante a “madrugada” (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1).

Lembrando tópicos de um discurso predominante em meio à imprensa portuguesa de então, voltado à proximidade entre os dois países pelos fundamentos históricos, tradicionais e culturais, Leal se referia à “ocasião em que, escritores distintos dos dois países estão empenhados em estreitar as relações literárias entre povos unidos pela identidade de sangue, tradições e língua”. Procurando promover um mútuo conhecimento a respeito das manifestações literárias de parte a parte, *A Madrugada* divulgava o trabalho de escritores portugueses, para que seu conhecimento fosse reforçado no Brasil, mas também pretendia que, em Portugal, onde seriam “completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brasileiros” viessem a ser apresentados “alguns aos leitores portugueses” (A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 1). O diretor da folha ressaltava ainda que ela tinha por intento tratar “por todos os meios de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as coisas dos dois países”, em clara referência ao projeto de reintegração luso-brasileira pelo prisma cultural (A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1).

Por ocasião da passagem do primeiro ano de existência da folha, foi publicado o editorial “O nosso aniversário”, no qual Oscar Leal se dizia “animado a progredir” naquela “árdua tarefa”, mormente a partir do “acolhimento lisonjeiro” que a revista estaria a receber. Segundo o diretor, aquele projeto editorial não seria movido pela “ vaidade ” e sim pela intenção de “popularizar” os literatos e suas obras. Leal buscava garantir a continuidade daquele empreendimento jornalístico, prosseguindo na sustentação de suas “aspirações e ideais”, bem como prometia uma batalha incansável contra aqueles “que profanam e bastardeiam o jornalismo” (A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1). Ao debater temas em torno da Literatura Brasileira, Leal demarcava o pouco espaço que a produção literária do Brasil poderia contar na conjuntura portuguesa, perspectiva que vinha plenamente ao encontro da proposta editorial do periódico por ele dirigido (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1).

Ao lado de tais atividades de cunho jornalístico e mesmo concatenadas com elas, Oscar Leal intentou estabelecer uma intensa rede de inter-relações com escritores brasileiros, incluindo entre eles literatos, jornalistas, historiadores, geógrafos e naturalistas, não é para menos que pertenceu a várias instituições que congregavam homens de letras e estudiosos. Nessa linha, ele vinha ao encontro “da estratégia de grupos literários” voltada a “conferir legitimidade entre si, destacando-se a autocultuação e a atitude cordial entre seus membros”, com a “formação de uma espécie de rede de mútuo apoio aos escritores que gravitam em torno” de entidades ou da redação de periódicos.

Ocorria então a “legitimação das atividades literárias de determinados autores, por meio das relações estabelecidas entre os grupos de letrados, de modo a favorecer o seu reconhecimento como escritores” (PÓVOAS, 2017, p. 130). Tal processo vinha ao encontro da “existência de uma comunidade cultural que envolvia brasileiros e portugueses no final do século XIX” (PAREDES, 2012, p. 161), em quadro pelo qual Leal buscou sempre evidenciar tais conexões e a fundação de *A Madrugada* foi um dos pontos altos desse projeto.

Apesar de toda uma propalada receptividade e de um suposto acolhimento do público leitor divulgados pelo seu diretor, nem mesmo as campanhas promocionais e a redução no valor das assinaturas foram suficientes para a manutenção da folha. As constantes falhas e interrupções na circulação já davam indícios dos tantos obstáculos que se antepunham à boa sobrevivência da empresa, levando ao inevitável desaparecimento de *A Madrugada* em dezembro de 1896, pouco mais de dois anos depois de sua inauguração. Ainda assim, a revista atingiu uma de suas metas precípuas relacionada com a construção de uma rede de relações culturais em meio à imprensa, tanto que sua presença foi noticiada por vários representantes não só do jornalismo português, como do brasileiro de quase todos os estados.

No seio da rede de intelectuais estabelecida por Leal por meio de *A Madrugada* houve a predominância de escritores, mas também apareceram representantes da escrita feminina. Tal presença feminina teve inserções diferenciadas nas páginas do periódico, aparecendo colaborações em prosa e verso e artigos contendo dados biográficos, além de representações

iconográficas, trazendo retratos das intelectuais. Bem de acordo com a proposta da folha ilustrada e literária, as autoras em destaque foram portuguesas e brasileiras, com a presença de dez nomes. As lusas foram Guiomar Torresão, Cláudia de Campos, Angelina Vidal, Maria Amália Vaz de Carvalho, Albertina Paraíso e Alice Moderno (francesa naturalizada). Já as brasileiras presentes nas páginas da publicação foram Thargélia Barreto, Revocata Heloísa de Melo, Julieta de Melo Monteiro e Francisca Clotilde.

Entre tais presenças femininas a escritora Guiomar Torresão teve um protagonismo nas edições de *A Madrugada*. Guiomar Delfina de Noronha Toressão (1844-1898) atuou como jornalista, poetisa, ficcionista, ensaísta, cronista, tradutora, dramaturga e editora. Colaborou com diversos periódicos, como *Ribaltas e gambiarras*, *Diário Ilustrado*, *Diário de Notícias*, *Artes e letras*, *Ilustração Portuguesa*, *O mundo elegante*, *Lisboa creche*, *A leitura*, *O liberal do Pará* e *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Em 1871 fundou o *Almanaque das senhoras*, editando-o até 1898. Em termos de produção bibliográfica, publicou *Uma alma de mulher*, *Rosas pálidas*, *A família albergaria*, *Meteoros*, *O fracasso da baronesa*, *A comédia do amor*, *No teatro e na sala*, *Idílio à inglesa*, *Paris – impressões de viagem*, *As batalhas da vida*, *Educação moderna*, *Flávia* e *A grande velocidade* (CRUZ & MACEDO, 2022, p. 127-128).

Torresão participou do corpo efetivo de colaboradores da publicação, de modo que a redação felicitava os leitores pela “brilhante aquisição” da “distinta escritora” que acedera “amavelmente ao convite”, dignando a “oferecer-se para colaborar na *Madrugada*” (A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1,

p. 3). Também apresentou em duas partes o texto “A França Literária”, afirmando que sobre a mesma “pesa, mais talvez do que em nenhuma outra” uma “crise mórbida, que me enche de infinita tristeza do irreparável”, tecendo comparações entre a geração de 1830 e a contemporânea e dissertando sobre alguns trabalhos mais recentes (A MADRUGADA. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 1; e 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. 1). Na crônica “João de Deus”, ela descrevia o seu único encontro pessoal com o escritor português cujo nome dava título à matéria (A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 3). A partir do texto intitulado “Lord Byron”, Guiomar Torresão comparava o trabalho deste poeta britânico ao do francês Alfred Musset, considerando que a obra de Byron “pertence ao número daquelas que não morrem nunca, a despeito das sucessivas evoluções do gosto e dos variados aspectos que a moda vai imprimindo à arte” (A MADRUGADA. Lisboa, 9 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 3). Foi publicado ainda um artigo em homenagem à escritora lusa, acompanhado da estampa de seu retrato, sendo ela apontada como “um nome conhecido em Portugal e Brasil, como um dos talentos mais brilhantes do moderno mundo literário”, tendo no “vasto campo da literatura afirmado a pujança da sua inteligência, de um modo sempre notável” (A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 1-2).

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



Cláudia de Campos foi outra escritora portuguesa que marcou presença nas páginas de *A Madrugada*. Maria Cláudia de Campos Matos (1859-1916) colaborou com diversos periódicos e almanaques, atuou como tradutora e pertenceu a várias entidades cívicas. Publicou os livros *Rindo, Último amor, Mulheres: ensaio de psicologia feminina, Ele e Baronesa de Stael e o Duque de Palmela* (LOUSADA & PATRÍCIO, 2022, p. 105-107). O periódico literário e ilustrado publicou o artigo denominado “Das mulheres”, no qual Cláudia de Campos expressava a sua visão quanto aos avanços no que tange ao papel social feminino, ao defender que “arte, sentimento e elegância” constituíam fatores que confeririam ao elemento feminino “uma superioridade mil vezes preferível aos mais brilhantes discursos” e “aos mais bem calculados golpes de Estado”. Segundo ela, “a emancipação da mulher” não deveria limitar-se “apenas a usurpar o lugar dos homens”, e sim valorizar “os dotes mais delicados e grandiosos” que faltavam aos homens, propondo que “o campo de ação” e “o ideal” feminino deveria ser outro (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, n. 2, série 1, p. 3). À intelectual lusa também foi rendida homenagem com retrato na primeira página e texto panegírico, trazendo informações sobre sua carreira literária, referindo-se à sua “obra notável, que muito honra a distinta autora” (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1-2).

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



A lusitana Angelina Vital também se fez presente como colaboradora nas edições da folha literária portuguesa. Angelina Casimira do Carmo e Silva (1853-1917) foi escritora, jornalista, tradutora, professora, contista, cronista, poetisa e dramaturga, publicando obras em Portugal, no Brasil, na Espanha e em Angola. Teve ampla participação no movimento republicano luso, apresentando vários escritos com temática política, colaborando com diversos periódicos, além de atuar como correspondente do jornal brasileiro *A Época*. Seus contos que não chegaram a constituir um livro caracterizaram-se por séries denominadas *Contos de cristal*, *Contos negros* e *Contos vermelhos*. Ela apresentou um soneto sem título, no qual praticava a crítica social e de costumes, ao apontar como grandes malefícios à sociedade a infâmia e a injúria, consideradas como verdadeira “peste” e como “arma repelente, envolta sempre em lama” (A MADRUGADA. Lisboa, 18 nov. 1894, a. 1, n. 2, série 1, p. 4).

A Madruga contou ainda com a colaboração da poetisa portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), autora de obra que envolveu o conto, a crônica, a poesia, a epistolografia, a biografia, a crítica literária e o ensaio. Colaborou com vários jornais portugueses e brasileiros, tendo dedicado significativa parte de seus escritos ao tema da educação feminina. Dentre seus livros figuram *Contos e fantasias*, *Mulheres crianças: notas sobre educação*, *Cartas à Luísa*, *Às nossas filhas* e *A vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (MARTINI, 2022, p. 163-164). A participação no periódico lisbonense deu-se por meio do poema “A andorinha”, que aborda temáticas bucólicas,

concentrando-se nas viagens e percepções da ave, definida como uma “filha da luz e da aurora” (A MADRUGADA. Lisboa, 27 dez. 1894, a. 1, n. 3, p. 3).

A autora lusa Albertina Paraíso também esteve dentre as colaboradoras de *A Madrugada*. Albertina de Souza Paraíso (1864-1954) estudou pintora e, além de escritora, foi professora, tendo ainda ampla atuação em meio ao periodismo, como a fundar e dirigir o *Almanaque das senhoras portuguesas e brasileiras*, o *Almanaque das Senhoras Portuenses*, a revista *Alma feminina* e o *Jornal da mulher*. Foi propugnadora do ideal da emancipação feminina e produziu grande quantidade de escritos para as publicações que organizou e outros representantes da imprensa (ABREU & ESTEVES, 2005, p. 35-37). A sua presença em *A Madrugada* ocorreu a partir da inserção de breve poema sem título que versava sobre uma temática muito afeita aos portugueses, vinculada à presença do mar, relacionando a gigantesca imensidão do oceano com as dimensões que acreditava compor a alma humana (A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 2).

Igualmente esteve a escritora Alice Moderno entre as colaboradas de *A Madrugada*. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno (1867-1946) foi poetisa, professora, jornalista e tradutora, além de ter sido ativista pela emancipação feminina e pelo ideário republicano. Colaborou com vários jornais, dirigiu o *Recreio das salas* e o *Diário dos Açores*, bem como fundou *A Folha*. Dentre suas publicações podem ser citadas: *Aspirações* em 1886, *Trilos* de 1888 ou o romance, *O Dr. Luís Sandoval*, em 1892 (ESTEVES, 2005, p. 43-45). Sob o título “Velando...”, ela apresentou em *A Madrugada* versos cuja eclética

abordagem mesclava temas diversificados como “a vastidão do mar profundo”, as “mágoas deste mundo”, os “arroubos ideais da fantasia” e o “ar de primavera” (A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 3).

Dentre as brasileiras que colaboraram em *A Madrugada* esteve Thargélia Barreto. A poetisa e compositora pernambucana Thargélia Barreto de Meneses (1879-1909) publicou versos nas páginas de vários periódicos, como os poemas apresentados no *Diário de Pernambuco*, quando contava com apenas quatorze anos, fez parte da equipe de redação do periódico *A Gazetinha* e levou suas poesias ao *Almanaque Literário de Pernambuco* e ao *Jornal de Domingo*, além de ter fundado junto aos irmãos o Grêmio Literário Tobias Barreto e publicou o livro *Poesias* (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 512; e COELHO, 2002, p. 624). Para a folha literária portuguesa, a escritora trouxe um soneto bucolista sem título, envolvendo o luar, as estrelas, as árvores, as nuvens, tudo servindo como cenário para o protagonismo do mar, associado à noite e às mágoas da vida (A MADRUGADA. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. 3).

Outra escritora do Brasil que esteve entre as colaboradoras da publicação ilustrada e literária lisbonense foi F. Clotilde. A cearense Francisca Clotilde Bezerra Lima (1862-1932) foi poetisa, dramaturga, romancista, contista, educadora e abolicionista, colaborou junto à imprensa periódica e publicou *Coleção de contos*, *Noções de aritmética*, *A divorciada*, *Fabíola*, *A filha de Herodes*, *Santa Clotilde*, e *Pelo Ceará*, assim como editou no Ceará a revista *A Estrela*, fundou um externato e integrou uma sociedade abolicionista composta exclusivamente por mulheres (FLORES, 1999, p. 128; SCHUMAHER & BRAZIL,

2000, p. 241-242; e COELHO, 2002, p. 216-217). Em *A Madrugada*, Clotilde apresentou a crônica “Diálogos”, voltada à crítica de costumes, na qual apontava para a “ilusão mentirosa” da fama, do luxo e das frivolidades, indicando que os maiores valores deveriam estar vinculados ao afeto entre as pessoas (A MADRUGADA. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 3).

Já as sul-brasileiras irmãs Melo foram apresentadas com dados biográficos e retratos no periódico literário português. Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) foi uma poetisa, jornalista, dramaturga, professora, tradutora, conferencista e abolicionista sul-rio-grandense, que colaborou com vários periódicos brasileiros e editou a mais longeva publicação feminina brasileira *O Corimbo* (1883-1944), além de publicar o livro *Folhas errantes*. A escritora gaúcha Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) foi professora, jornalista, contista, poetisa e teatróloga, atuando ainda como colaborada em diversas publicações periódicas brasileiras, além de editar um dos primeiros representantes da imprensa feminina sul-rio-grandense, *A Violeta* (1878-1879), bem como atuou na redação do *Corimbo* e publicou os livros *Prelúdios*, *Oscilantes*, *Alma e coração* e a obra póstuma *Terra sáfara*. Juntas, ambas publicaram os livros *Coração de mãe* e *Berilos*, assim como fundaram uma sociedade abolicionista e tiveram participação relevante na entidade assistencialista Clube Beneficente de Senhoras (FLORES, 1999, p. 334-335 e 350-351; SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308 e 477-478; e COELHO, 2002, p. 314 e 564-565). A redação de *A Madrugada* referia-se a elas como “duas distintas literatas brasileiras”, sendo Revocata apresentada como “uma senhora distintíssima, que muito tem trabalhado para a

elevação do nível intelectual da mulher no Brasil” e Julieta, como “uma distinta poetisa e digna da mesma simpatia” da irmã, além da referência de que possuía “a vantagem de reunir aos seus belos dotes uma inteligência superior” (A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1).

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



Dessa maneira, *A Madrugada* contribuiu com uma reaproximação no campo literário entre o Brasil e Portugal, no projeto de reconciliação das relações, estremecidas desde 1889. Também teve um papel importante nas interfaces culturais luso-brasileiras, uma vez que era distribuída em ambos os países, levando a um conhecimento mútuo de escritores das duas nacionalidades. Sua significativa tiragem e o forte intercâmbio, sendo distribuída em Portugal e na maioria dos estados brasileiros, possibilitou também a propagação da cultura literária e da ação de literatos no âmbito brasileiro-lusitano. Assim, *A Madrugada* não deixou de também representar uma ponte que estreitou as interações literárias dos dois lados do Oceano Atlântico, dando amplo espaço para os denominados homens de letras, sem deixar de lado também a presença de algumas mulheres de letras².

Referências bibliográficas

ABREU, Ilda Soares & ESTEVES, João.. Albertina de Sousa Paraíso. In: CASTRO, Zília Osório de & ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da República Brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017. v. 2.

² Texto publicado originalmente em: *Teceres – revista da AINPGP*, 2024, a. 3, n. 1, p. 1-19.

ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, v. 5 1900, v. 6.

CRUZ, Eduardo da & MACEDO, Bianca Gomes Borges. Guiomar Torresão. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 127-128.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, Alfredo da. *La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1898.

CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.

ESTEVES, João. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno. In: CASTRO, Zília Osório de & ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

FLORES, Ilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

LEAL, Oscar. *Dentistas e “dentistas” – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno*. Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904.

LOUSADA, Isabel & PATRÍCIO, Sandra. Cláudia de Campos. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 105-107.

MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.

MARTINI, Elisabeth. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CRUZ, Eduardo da & CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022, v. 1, p. 163-164.

PAREDES, Marçal de Menezes. A assunção escalar da nação: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. In: PAREDES, Marçal de Menezes (org.). *Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 423-436.

PEREIRA, Esteves & RODRIGUES, Guilherme. *Portugal – dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Torres & Cia. Editores, 1909. v. 4.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da Literatura*. Porto Alegre: Buqui, 2017.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 1-12.

RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2

REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Atlântida, 1930.

RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 351-396.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário de mulheres do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894, t. 17.

TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

IMPrensa FEMININA NO
ALVORECER DA REPÚBLICA NOVA:
IVETA RIBEIRO E O ANO INICIAL DA
REVISTA *BRASIL FEMININO*

Ao longo da década de 1920 vários fatores se articularam entre si, dando origem ao processo histórico conhecido como crise dos anos vinte, a qual promoveria constantes fissuras no sistema oligárquico predominantemente durante a República Velha, a qual viria a ruir ao final de tal decênio. A culminância desse fenômeno deu-se entre 1929 e 1930, com a ação da maior das dissidências oligárquicas, formando-se a candidatura oposicionista denominada Aliança Liberal. Tal frente viria a ser derrotada nas urnas, acusando como fator motor tal insucesso a tradicional corrupção eleitoral e, com o aumento da insatisfação de seus membros, optou pelo caminho das armas, promovendo a Revolução de 1930, que promoveria uma mudança estrutural na vida política brasileira. Os novos detentores do poder, no pós-1930, prometeram substituir aquilo que consideravam como um anacronismo da República Velha, por uma República Nova, moderna e adaptada aos novos tempos de transformação em termos mundiais.

Ainda que em significativa parte oriundos das oligarquias regionais, os articuladores da República Nova apresentavam-se como progressistas em relação ao modelo existente, prometendo modificações na organização do país, constituindo a sua principal proposta a de promover um processo de modernização. No campo político, a perspectiva era a de promover alterações no conjunto eleitoral, com a instituição de uma justiça específica e autônoma para promover os sufrágios, bem como com a instituição do voto secreto, visando a evitar as fraudes que até então dominavam o panorama brasileiro. No âmbito social, a proposição era a do atendimento aos segmentos sociais intermediários

e, notadamente, à massa trabalhadora, desamparada até então em termos governamentais, com a promessa da criação de um corpo de legislação trabalhista que trouxesse consigo maiores direitos a este setor da sociedade. No contexto econômico, a palavra chave da modernização era a promoção de um surto industrial, que servisse como alternativa ao modelo agroexportador que dominava a economia desde a época colonial.

Tal processo de modernização não chegou a vislumbrar diretamente às reivindicações femininas à época da Aliança Liberal e no período imediato à Revolução de 1930, entretanto houve a participação de mulheres tanto na frente política quanto no caminho insurrecional. As mulheres vinham manifestando anseios por um novo papel social e uma ação política mais efetiva no Brasil, como aconteceu no período imediato que se seguiu a proclamação da República, com a manifestação de movimentos sufragistas entre 1889 e 1891, mas cujo intento acabou redundando em fracasso, uma vez que a Constituição de 1891 não garantiu o direito de voto ao segmento feminino. Tais lutas renovaram-se a partir de 1930, chegando a obter ao menos um êxito, uma vez que o novo código eleitoral, promulgado em 1932, finalmente garantiria às mulheres a prerrogativa de votarem e serem votadas, chegando a haver a presença feminina na Assembleia Nacional Constituinte que iria dotar o Brasil de uma nova constituição, em 1934.

Associado a outros fatores de ordem econômica e tecnológica, o itinerário modernizador pelo qual passava o país também viria a promover efeitos junto ao periodismo. Nos anos 1930, a imprensa brasileira passava por uma fase de

consolidação do jornalismo denominado de empresarial, em um contexto no qual houve uma grande diversificação das atividades jornalísticas, no qual as revistas ganharam bastante expressão (SODRÉ, 2007, p. 371-372). Nesse momento, a edição de revistas caracterizou-se por uma introdução de novas técnicas de impressão, assim como uma redefinição no perfil do mercado editorial, ávido por informações atualizadas. Tais fatores foram definitivos para a mudança no padrão estético e informativo das revistas, levando em conta o destaque para a notícia, a interpretação dos fatos nacionais e internacionais e as fotografias, em grande formato, que lhes eram associadas (MAUAD, 2006, p. 376).

A circulação de tal gênero jornalístico em muito se alicerçou na presença da ilustração, em um quadro pelo qual a imprensa ilustrada ganhava terreno, levando em conta que as gravuras não só embelezavam o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudavam na sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito (TENGARRINHA, 2013, p. 865). Desse modo, as revistas traziam registros iconográficos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los para outros lugares, mas também ajudaram na formação e na educação de segmentos populacionais que precisavam de informações específicas, mas que não queriam ou não tinham condições de dedicar-se aos livros (SCALZO, 2016, p. 13-14). Elas eram versáteis como instrumento de comunicação e propaganda, e constantemente se renovavam e se expandiam, atraindo novas faixas de público (BAHIA, 2010, p. 32).

O conteúdo apresentado pelas revistas é associado às condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, aos objetivos propostos, ao público a que se destinava e às relações estabelecidas com o mercado, já que essas opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, bem como a presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. Nessa linha, a estrutura interna dos magazines é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. No rol das revistas ficavam reunidas e disciplinadas forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecendo oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogavam intensamente com os dilemas do tempo (LUCA, 2011, p. 2-3).

Com as revistas eram anunciados verdadeiros tempos modernos no seio das páginas impressas de tais veículos que se renovavam, sinalizando e imprimindo uma nova mentalidade (ELEUTÉRIO, 2008, p. 101). Para a edição das revistas ficava reservada a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais. Elas atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses (COHEN, 2008, p. 105). Na sua modalidade específica de impresso ligeiro, a revista

beneficiou-se profundamente de uma circunstância literária, técnica e mercadológica, que lhe foi favorável. Esse gênero jornalístico constituía um periodismo veiculador de textos ligeiros, de consumo imediato, de maneira que se ampliou o número de revistas de dimensões múltiplas, concebidas e voltadas para públicos já delineados e afinados com as fórmulas de sucesso mercantil. Esses periódicos caracterizaram-se pela síntese e pela informação, de modo que ficava demarcada a premissa de passar em revista temas, informações, estados de alma, enfim, toda uma prática e produção cultural de época, de forma a corroborar a característica mais forte do periódico de “espelhar o presente” (MARTINS, 2008, p. 142, 144, 145 e 148).

Os progressos tecnológicos foram um diferencial para o aprimoramento da edição das revistas, notadamente no que tange à inserção de registros fotográficos, em profusão cada vez maior, inclusive com o a utilização das fotorreportagens. Nesse sentido, as revistas contavam, graças ao apuro da reprodução gráfica, com meios para incluir, de forma direta, a fotografia. De acordo com tal perspectiva, os instantâneos da vida urbana ditavam moda e comportamentos, bem ao gosto da burguesia e das emergentes camadas médias, que se viam retratadas nas bem cuidadas páginas dos periódicos. Tais publicações eram dirigidas ao público urbano, ávido por novidades, e traziam textos ligeiros e muitas imagens, fórmula que se renovou e alcançou circulação nacional (LUCA, 2013, p. 112). No uso em larga escala da fotografia ficava estabelecida uma linguagem jornalística visual, correspondente a uma série não linguística ou paralinguística, de modo que, cada vez que uma imagem, estando

sozinha ou associada a outros elementos, transmitida ou não pelo mesmo canal, passa a ser destinada a um público, mais ou menos complexo, mais ou menos coletivo, ficando estabelecida uma mensagem jornalística (PELTZER, 1992, p. 82).

A inserção do material fotográfico partia do princípio da existência da fotografia como meio de comunicação, que poderia trazer a ilusória crença de que “a câmera não mente”, ou seja, que de algum modo ela representa a verdade “real” (HOBSBAWM, 1995, p. 82). Assim, as revistas compuseram o perfil de uma época em que as imagens fotográficas predominavam, constando tais edições como seu principal veículo de divulgação, de forma que, mediante uma composição editorial adaptada a seu próprio tempo e às tendências internacionais, criava modas e impunha comportamentos. Na qualidade de janelas que se abriam para o mundo retratado na foto, as revistas contribuíram para a generalização do mito da verdade fotográfica, e, ao mesmo tempo, por meio de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades. Em um determinado contexto histórico-cultural, as narrativas convencionais expressas pelo conteúdo fotográfico contribuíam para que se fornecesse significado social a determinados acontecimentos em detrimento de outros, de forma a promover-se, por conseguinte, aqueles, e não estes, à categoria de notícias, vindo a concorrer para dar aparência de ordem ao caos que é a erupção aleatória de episódio, conferindo inteligibilidade ao real (MAUAD, 2006, p. 371-372 e 382).

A partir da fórmula que constituía uma cópia dos magazines europeus e do avanço das técnicas de impressão, o jornalismo em revista brasileiro encontrou um caminho para atingir maior número de leitores e, assim, obter a sua existência. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu uma série de transformações científicas e tecnológicas que iriam refletir na vida cotidiana e na remodelação das cidades. Nesse quadro, as revistas acompanharam tal euforia, com centenas de títulos sendo lançados, a partir de inovações na indústria gráfica, as quais propiciaram um nível de requinte visual antes inimaginável (SCALZO, 2016. p. 28-29). Dentre as representantes de tal gênero jornalístico estiveram as revistas femininas, as quais refletiam uma época em que as mulheres crescentemente ingressavam no mundo das letras, bem como as ações feministas proliferavam, com o incremento do apoio às lutas por melhoria de situação social, civil e política, as quais eram levadas a efeito por mulheres que se sentiam estimuladas a investigar cada vez mais sobre seus direitos e a debater as dificuldades que lhes cercavam e as reivindicações que sustentavam (HAHNER, 2003, p. 183 e 267), em um meio pelo qual a imprensa teve um papel decisivo.

Na conjuntura das revistas ilustradas brasileiras, houve destaque para o segmento especificamente destinado às mulheres. Em grande parte editadas para divulgar literatura e moda, tais revistas femininas tinham tradição desde a segunda metade do século XIX e prosseguiram circulando em número significativo na centúria seguinte. A grande profusão de títulos desse gênero trazia muitas vezes consigo a imagem melíflua que se atribuía ao denominado

“belo sexo”. Elas eram concebidas como objetos de lazer e se revelavam essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher, vindo a ultrapassar o papel de vitrine dos costumes e constituindo um veículo privilegiado de imposição de um modelo social (COHEN, 2008, p.117). Por outro lado, muitos desses magazines serviram muito a contento para defender causas e estimular com maior ou menor intensidade novas perspectivas quanto ao papel social da mulher e ainda para difundirem vários dos ideais feministas. Eram assim revistas feitas de mulheres e para mulheres, preocupadas com sua condição na sociedade e seus direitos (SCALZO, 2016, p. 33). Tais veículos de comunicação dirigidos antes de tudo à mulher revelavam não só os interesses da indústria cultural, mas também questões mais abrangentes como o papel social da mulher e sua participação política (BUITONI, 2009, p. 21).

No rol das revistas femininas brasileiras esteve *Brasil Feminino*, editada no Rio de Janeiro, a partir de fevereiro de 1932. O seu dístico bem definia seus propósitos, apontando tratar-se de uma publicação “da mulher – para a mulher – pela mulher”. Além de tal legenda, a revista estampou no cabeçalho de sua folha de rosto a inscrição “revista mensal ilustrada”, para depois denominar-se “grande revista mensal ilustrada de luxo”, reduzindo, posteriormente, para “revista ilustrada”. Chegou ainda a indicar ser a “única no gênero em toda a América do Sul”. Em consonância com seu escopo, apresentou-se como “uma das expressões da mentalidade da mulher brasileira” (BRASIL FEMININO, jul. 1932, p. 46). Durante seu primeiro ano de existência, o periódico teve um número

variável de páginas, entre a casa das quarenta e das setenta. O seu expediente apontava os custos de seu número avulso no Brasil, a 2\$000; enquanto a assinatura de doze números registrados pelo correio, custaria 25\$000; já os mesmos números, para o estrangeiro, teria o preço, por porte simples, 32\$000 e, registrados, 40\$000. Realizando autopropaganda, a folha expressava a concepção de que “assinar *Brasil Feminino* é contribuir para a divulgação de todos os valores femininos no Brasil” (BRASIL FEMININO, abr. 1932, encarte).

Quanto ao material publicitário, que auxiliava na sustentação da publicação, foram divulgadas propagandas diversificadas, como de vestimentas, produtos voltados ao embelezamento, roupas para cama e mesa, bazares, instituições educacionais, empresa de arte mobiliária, material escolar, armarinhos, atendimento médico, medicamentos, alimentos e arte culinária. Anunciou ainda um “curso prático”, identificado como “a última palavra em organização de ensino para meninas, moças e senhoras”, trazendo entre seus cursos o doméstico, o profissional, o social, as artes aplicadas e o comercial. No que tange à circulação, tal empresa jornalística possuía “representantes especiais”, as quais eram as únicas autorizadas a intermediar a sua comercialização. Além da capital do país, foram sediadas representações no interior do Rio de Janeiro, e em São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Santa Catarina, Paraná, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Amazonas, Sergipe, Mato Grosso, Bahia, Paraíba, Pará, Maranhão e Alagoas. Também houve a presença de tais agentes no exterior, caso de Argentina, França, Espanha,

Portugal, Hungria, Áustria, Estados Unidos, Bolívia, Chile e Equador. Foi divulgada ainda uma representação geral na Europa, sediada em Paris.

Dentre as matérias publicadas por *Brasil Feminino* estiveram contos, crônicas, poemas, romances, além de inserções sobre artes plásticas, cinema, teatro e música, havendo também colunas sociais e a divulgação das atividades vinculadas ao *high-life* e mesmo ao “esporte feminino”. A moda foi temática recorrente da revista, normalmente associada às “feminilidades” e introduzindo “modelos elegantes e práticos”. Eram apresentadas também sugestões para a organização do lar, como no caso da seção “Nossa casa”. Às crianças e jovens era dedicada a seção “Página da menina” e, para as mães, a “Cartilha da maternidade”. Por meio da subdivisão “Cartas de amor aos ‘artistas’ e ‘estrelas’”, *Brasil Feminino* afirmava que inaugurava “uma caixa postal de cartas abertas para uso e gozo de seus leitores, que podem dirigir-se aos grandes vultos da arte, letras e cinema”.

Ainda em referência às diversas divisões do magazine, entrevistas e matérias especiais eram o destaque do segmento “Mulheres que trabalham”. As interfaces com as questões legais eram expressas em “A mulher e o Direito”. Já a seção “Gabinete azul” relevava ações voltadas ao “que fazer para ficar sempre jovem e bonita”. A “Galeria da inocência” trazia fotografias de bebês e crianças. O debate de assuntos voltados ao magistério ficava demarcado no segmento “Página pedagógica”. Foi editada também a “Coluna proletária”, a qual pretendia “propugnar pelo desenvolvimento da mulher trabalhista, despertando interesse pela exteriorização do pensamento e pela formação de consciências

esclarecidas, geradoras de uma era melhor”. Dessa maneira, “dedicando-se às emancipadas pelo trabalho, *Brasil Feminino* vai auscultar a mulher proletária e suas aspirações, que, transformadas em realidades, servirão para elevar o Brasil no conceito universal” (BRASIL FEMININO, fev. – mar. 1933, p. 32).

A direção e redação bem como o corpo de colunistas e colaboradoras da revista *Brasil Feminino* tinham uma formação exclusiva de representantes do sexo feminino. Uma de suas tônicas era o incentivo à educação da mulher, sob o lema “educar é emancipar”. Houve destaque também para a troca e divulgação de correspondências com as leitoras. As matérias exortativas ao feminismo também tiveram presença garantida nas páginas do periódico, com diversas campanhas, dentre elas a que defendia o voto feminino. Ficou demarcado também um certo vínculo com o *status quo* do país naquele momento, uma vez que a publicação escolheu para madrinha a esposa do Presidente da República, Darcy Sarmanho Vargas, considerada como a “primeira dama da sociedade brasileira” e a “paraninfa da *Brasil Feminino*”, que estaria assim a render “justa e sincera homenagem à sua alta personalidade de mulher culta, generosa e gentil” (BRASIL FEMININO, fev. 1932, p. 6). Ainda quanto à abordagem das ações feminis, uma das seções era a “Galeria de mulheres”, voltada a enaltecer o papel de representantes do sexo feminino, com destaque nas letras, na assistência social e na música. Aparecia também a transcrição de textos poéticos, que constituía o conteúdo de “Poetisas brasileiras”.

As relações entre as mulheres brasileiras e portuguesas era outra preocupação do mensário, publicando a seção “Pelo intercâmbio feminino luso-

brasileiro". Nesse sentido, a redação da folha explicitava que, "obedecendo ao seu programa, *Brasil Feminino* manterá uma página dedicada à divulgação no Brasil dos valores femininos de Portugal" (BRASIL FEMININO, fev. 1932, p. 20). No âmbito subcontinental, também houve cuidado especial com as permutas, sendo criada a seção "Intercâmbio sul-americano"; Tal perspectiva se ampliaria ainda mais, com o surgimento de "*Brasil Feminino internacional*", seção justificada pela redação por uma ampliação do "serviço de 'intercâmbio mental com as mulheres cultas de todos os países'". Tal projeto estaria a seguir "o desenvolvimento natural do programa de ação" da revista, advindo daí a criação de "uma 'Seção internacional', a fim de nela reunir as colaborações, apresentações e informes interessantes" que chegassem "de todas as procedências estrangeiras". a partir dessa iniciativa haveria a possibilidade de levar "a revista a todas as capitais do mundo, num perfeito intercâmbio mundial de mentalidades femininas", tornando-se assim "necessário criar uma seção especial", na qual seriam resumidos "os preciosos inéditos estrangeiros" que fossem recebidos (BRASIL FEMININO, fev. – mar. 1933, p. 12).



- capa do número inaugural, enfatizando a mulher e a moda -

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-BRASILEIRO

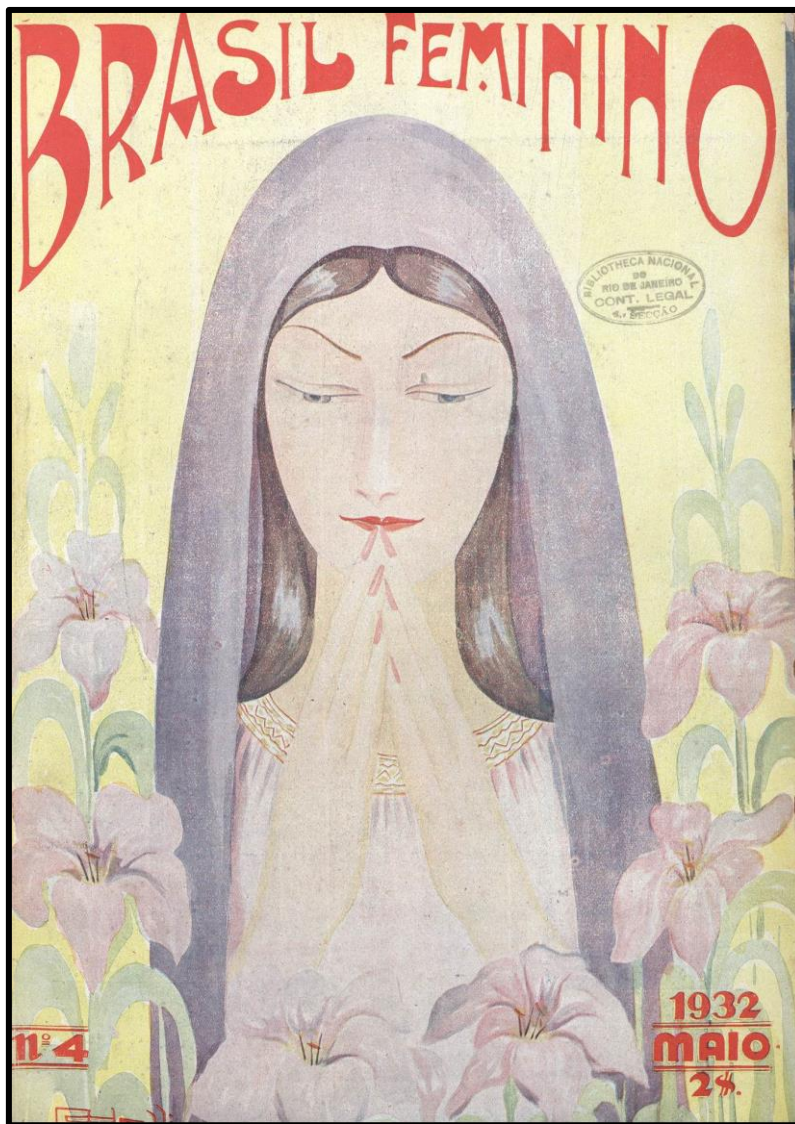


- capa do segundo número, com a silhueta feminina associada às cores da bandeira nacional -

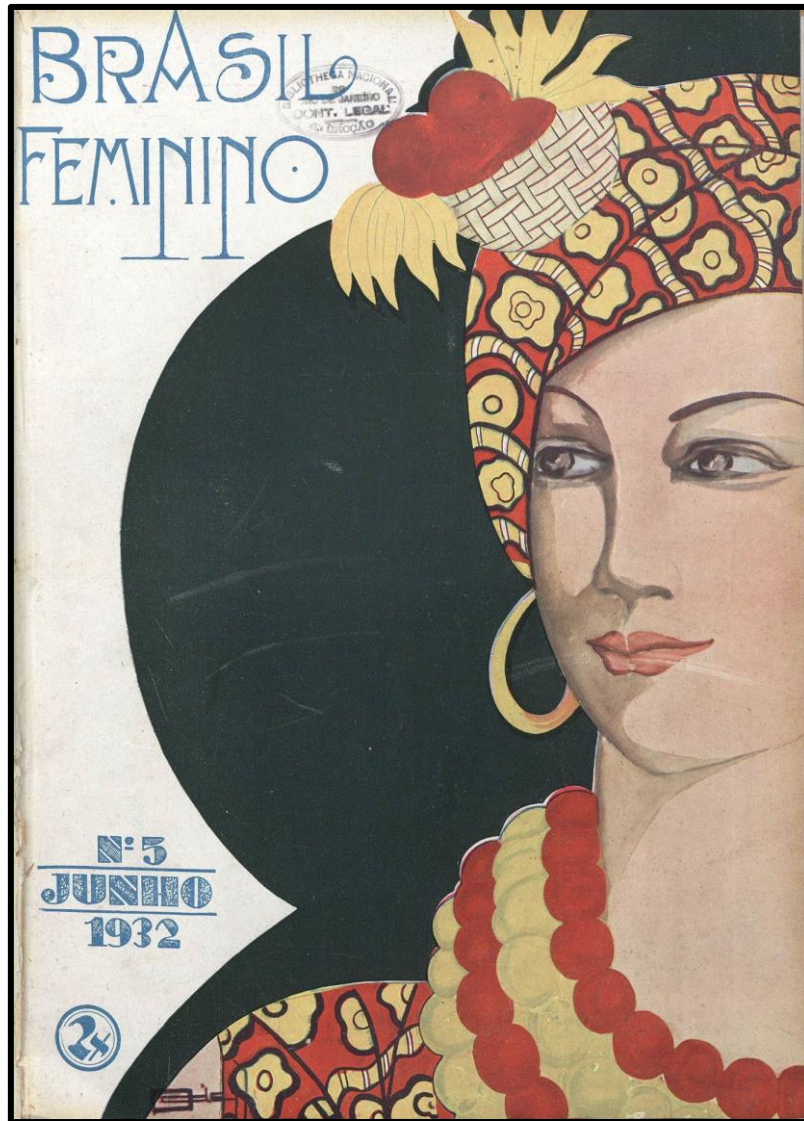


- capa do terceiro número, fazendo alusão à noiva e ao casamento -

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-BRASILEIRO



- capa do número quatro, contendo a figura da Virgem Maria, em referência à religiosidade no Brasil -

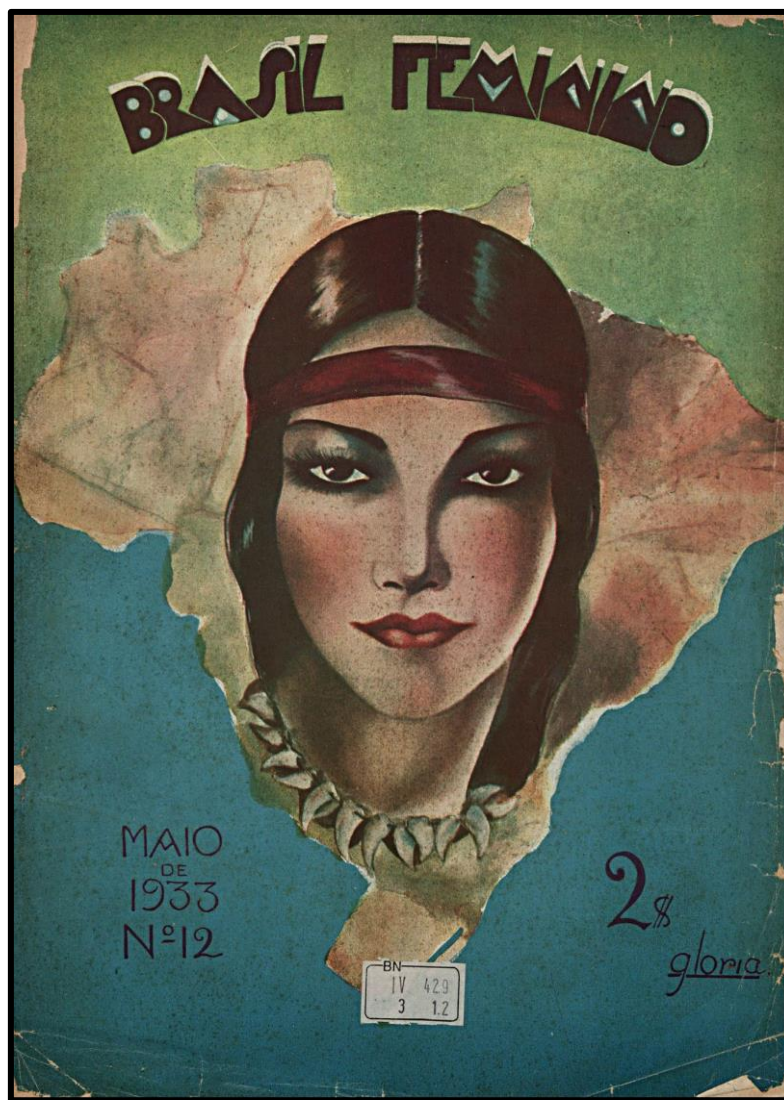


- capa do quinto número, trazendo uma baiana estilizada em referência à cantora e atriz Carmem Miranda que à época fazia sucesso no contexto nacional e internacional -

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO LUSO-BRASILEIRO



- a partir do número seis, a opção foi por estampar na capa fotografias de personalidades femininas brasileiras -



- capa do número doze, que encerrava o primeiro da revista, carregada de nacionalismo com as imagens do mapa do Brasil e da figura indígena, em alusão aos habitantes originais do país-

A publicação mensal feminina intentou ainda estabelecer empreitadas de mobilização. Foi o caso das campanhas assistencialistas, como “Uma lembrança de Natal”, sobre a qual a revista dizia pretender “ser útil às instituições de caridade, especializadas em amparo à mulher, em qualquer das idades, tais como asilos para meninas e reformatórios para moças”, além de “recolhimentos para velhas, cegas, transviadas e enfermas”, bem como para “maternidades e creches”, resolvendo “instituir um donativo de um conto de réis, em dinheiro, a ser entregue à instituição indicada por suas leitoras”, as quais poderiam apontar “a casa de caridade em favor da mulher”, que deveria “receber a oferta do mimo de Natal” do magazine (BRASIL FEMININO, fev. 1932, p. 4). No campo literário, foi lançado o “Grande concurso de poesia moderna – qual o maior poeta moço do Brasil?”, que tinha o “intuito de indicar à nossa própria pátria o seu maior poeta novo” e, para tanto, “*Brasil Feminino* consulta a opinião da mulher brasileira” (BRASIL FEMININO, abr. 1932, p. 19).

A respeito dos alcances e limites editoriais, no seu segundo número, a redação do periódico exaltava a recepção que tivera em meio ao jornalismo, afirmando que fora reconhecida em “toda a imprensa brasileira e portuguesa do Rio de Janeiro”, agradecendo “pela maneira honrosa e gentil com que foi recebido”, servindo isso como um “estímulo”, diante do que se comprometia a realizar “um contínuo esforço para alcançar o lugar que lhe compete no seio da coletividade jornalística do Brasil”. Tal agradecimento estendia-se às empresas radiofônicas e pelas correspondências enviadas à redação (BRASIL FEMININO,

mar. 1932, p. 5). Tendo em vista uma suspensão na circulação, nos meses de agosto e setembro de 1932, era comunicado “às ilustres e gentis colaboradoras que, devido à forçada interrupção da publicação de *Brasil Feminino*, existe em mãos de sua diretora avultadíssimo número de trabalhos recebidos”, os quais iriam “sendo publicados à medida do possível”, uma vez que as páginas impressas não comportavam “toda essa magnífica messe de produções que tanto as honram”, além de “ser necessário obedecer às exigências da maior fonte de angústia dos diretores de publicações – a falta de espaço”. Dessa maneira, ficavam “colaboradoras e correspondentes avisadas de que qualquer demora na publicação de seus trabalhos” não corresponderia “em desatenção ou preferência”, e sim “em organização de serviço interno da revista”. Na mesma oportunidade, a direção do magazine revelava o alcance internacional da permuta das colaborações, com o agradecimento à “gentileza de quantas se têm dignado enviar originais”, e ainda mais às “ilustres escritoras sul-americanas e portuguesas que tão superiormente têm correspondido ao apelo em prol da intensificação do trabalho de intercâmbio intelectual feminino”, permanecendo a expectativa de “que a projeção do trabalho continue a ampliar-se”, vindo a ser atingido “mais rapidamente o objetivo visado” pela publicação mensal (BRASIL FEMININO, nov. 1932, p. 2).

Algum tempo depois de completar seu primeiro aniversário e após novas interrupções em sua circulação, a revista viria a reforçar suas metas, ao expressar seu “programa de ação”, segundo o qual o periódico pretendia: a) “congregar todos os valores intelectuais femininos do Brasil, para elevar, cada

vez mais, aos olhos do mundo, a personalidade da mulher brasileira”; b) “trabalhar pelo intercâmbio mental entre as mulheres cultas de todos os países”; c) “auxiliar moralmente as iniciativas femininas de qualquer caráter de utilidade”; d) “cooperar para o desenvolvimento do feminismo racional”; e ainda, e) “propugnar pela educação moral e intelectual da mocidade feminina do Brasil” (BRASIL FEMININO, nov. – dez. 1935, p. 3). A fundadora e diretora do mensário *Brasil Feminino* foi a escritora e jornalista Iveta Ribeiro. A respeito de sua iniciativa editorial, ela reiterava tais objetivos, descrevendo que, em 1932, fundara e dirigira no Rio de Janeiro “uma revista verdadeiramente da mulher”, bem como “a única no gênero na América do Sul, pelo ecletismo das finalidades consagradas num programa de expansão e intercâmbio intelectual feminino universal”, além do fato de ser “exclusivamente dirigida, escrita e ilustrada por mulheres brasileiras e de todos os países” em que circulou, “na Europa e nas duas Américas” (SILVEIRA, 1941, p. 28).

Iveta Ribeiro nasceu a 7 de março de 1886, filha de um cidadão português e de uma brasileira. Em 1910 casou-se com o escritor teatral e jornalista lusitano José Ribeiro dos Santos. Ela teve uma atuação social e intelectual múltipla. Esteve à frente e/ou participou de diversas entidades e ações em prol da assistência social, notadamente de apoio às mulheres, atuando como “uma criatura que não pode viver distante das coletividades”. Foi o caso do Clube das Vitórias Régias, bastante ativo nos anos 1930 e 1940, cujas integrantes tomavam para si “o solene compromisso de se protegerem mutuamente no sentido profissional” e “estabelecer uma verdadeira amizade fraternal entre si”. Além

disso, tal clube deveria “prestigiar, apresentar e estimular as artistas e intelectuais novas, que surjam no Brasil”, vindo a contribuir “para o desenvolvimento de novos elementos comprovativos da inteligência feminina do Brasil e cultura geral do país” (SILVEIRA, 1941, p. 9 e 28).

No campo cultural, foi dramaturga, radialista, pintora, poetisa e contista. Sua ação estendeu-se à radiofonia, tendo organizado programas etnográficos e folclóricos na Rádio Transmissora Brasileira. Promoveu ainda o “Movimento literário nacional” no Rádio Clube Brasileiro e criou um programa de intercâmbio cultural luso-brasileiro, intitulado “Espelho de Portugal”, na Rádio Guanabara (FLORES, 1999, p. 453). Apresentou incontáveis palestras e conferências, como “Poetisas portuguesas contemporâneas”, conferência realizada no Instituto de Estudos Portugueses, em 13 de agosto de 1945, no Salão Nobre do Liceu Literário Português, a qual foi editada na forma de opúsculo. Em tal publicação a autora se apresentava com seu nome completo, incluído o sobrenome do marido – Iveta Augusta Cunha Ribeiro dos Santos – e identificava-se como escritora, poetisa, jornalista e pintora (RIBEIRO, 1945, p. 3). Em relação às belas artes, pintou vários quadros, como *Dia de aniversário*, e realizou sua primeira exposição individual no Liceu Literário Português, com vinte e nove obras, expondo também no IV Salão dos Aquarelistas e no Salão de Natal (SANTOS, 1937, p. 4).

Em meio às práticas jornalísticas, publicou seu primeiro trabalho literário no jornal carioca *O Bandolim*. Foi redatora-secretária da revista ilustrada feminina do Rio de Janeiro, *A Faceira*, bem como colaborada da revista

humorística *O Malho*. Colaborou ainda com os diários *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *A Tarde*, *Conquista*, *A Noite*, *O Globo*, *A Pátria*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil*, todos do Rio de Janeiro; *Diário de Notícias*, de Salvador; *Jornal do Recife*, da capital pernambucana; e *Diário de Lisboa*, da capital lusa. Também escreveu para as revistas *Vida Doméstica*, *Fon-Fon*, *Silhueta*, *Nossa Terra*, *A Máscara* e *Brasil Contemporâneo*. A escritora foi sócia da Associação Brasileira de Imprensa e sócia honorária do Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional de Portugal (SILVEIRA, 1941, p. 9 e 28), além de pertencer à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, ao Instituto Brasileiro de Cultura e à Sociedade Brasileira de Belas Artes (SANTOS, 1937, p. 4).

Sua produção literária abrangeu a publicação de livros como *Em todos os tempos* (contos), *Coisas da vida* (contos), *Dizendo* (conferências sobre doutrina espírita), *Meus versos* (poesias), *Portugal visto por mim* (notas de viagem) e *Almas simples* (romance). Além disso, no início dos anos 1940, a escritora apresentava como obras de sua autoria no prelo: *Asas quebradas* (contos), *Páginas antigas* (contos), *Migalhas* (poemas em prosa), *Dizendo* (novas conferências espíritas), *Da tribuna* (discursos e orações), *Teatro* (conferências), *Duas almas* (novela), *Rapsódia* (poemas), *Contos esparsos* (contos), *Despertar* (romance) e *Uma vida* (novela educacional infantil) (SILVEIRA, 1941, p. 28 e 34). No ramo da dramaturgia, Iveta Ribeiro foi autora das seguintes obras teatrais: *Mater dolorosa* (ato trágico), *Florzinha* (opereta) *Entardecer* (comédia), *Tia Zenóbia* (comédia), *Só assim* (comédia), *Fogo entre cinzas* (comédia), *Cartas anônimas* (ato cômico), *O meu pequeno* (comédia), *As desiludidas* (cena de

comédia) e ainda *Trovoadas de maio*, *Segundas núpcias*, *Desfolhando rosas*, *Razões de zanga*, *Jantar das velinhas*, *Dom João*, *A Macaca*, *Outono florido*, e *Razões de zanga*, todas encenadas por profissionais ou amodorres. Em termos de rádio-teatro, elaborou *Barco sem rumo*, *O Espinho*, *A causa*, *Bonde errado*, *Mulher*, *Confidência* e *Incompreensão*. Além disso, atuou em várias peças e teve papel essencial para a difusão do teatro popular carioca (SILVEIRA, 1941, p. 34; e SANTOS, 1937, p. 4-5).

Reconhecida em seus epitáfios por vários representantes da imprensa carioca como escritora e jornalista, membro da Associação Brasileira de Imprensa e diretora da revista *Brasil Feminino*, Iveta Ribeiro morreu no Rio de Janeiro, a 28 de outubro de 1962 (BOLETIM DA ABI, out. 1962, p. 5; CORREIO DA MANHÃ, 31 out. 1962, p. 2; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31 out. 1962, p. 4; e A NOITE, 31 out. 1962, p. 6). Ao longo de sua existência, em período posterior ao primeiro ano de circulação do periódico *Brasil Feminino*, Iveta Ribeiro teve vínculos e participou ativamente do movimento integralista brasileiro, frente política de cunho fascista (SILVEIRA, 1941, p. 28). O mesmo ocorreria com os destinos de sua revista, igualmente colocada à disposição do integralismo. Tal processo, entretanto, não ocorreu na fase inicial do periódico, pois, ainda que, desde 1932, a publicação apresentasse manifestações de cunho moral, ético e cristão, ela ainda não trazia quaisquer resquícios dos preceitos integralistas em suas páginas, o que só viria a ocorrer na segunda metade dos anos 1930, após profunda crise que atingiu a edição carioca, vindo a mesma a assumir uma postura assumidamente vinculada ao integralismo (MANCILHA, 2017, p. 213).

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



- Iveta Ribeiro em meados da década de 1920 – Revista *Vida Doméstica* -



- fotografia de Iveta Ribeiro – *Dicionário do Teatro no Brasil* -

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



- retrato de Iveta Ribeirona segunda metade dos anos 1930 -



- Iveta Ribeiro no início da década de 1940 – Revista *Diretrizes* -

Ao longo do ano inicial de existência do magazine *Brasil Feminino*, Iveta Ribeiro, como diretora da publicação, assumiu o papel de redigir a matéria editorial do periódico, a qual recebia o título “De início”. Em tal seção, a jornalista se expressou acerca dos encaminhamentos da própria revista, do papel da imprensa para a causa feminina, da sua visão acerca do feminismo e de outras temáticas, na maioria das vezes articuladas direta/indiretamente ao papel da mulher. Nos doze primeiros números da revista *Brasil Feminino*, Iveta Ribeiro foi a responsável pela redação de nove das seções intituladas “De início”, objeto de estudo da presente pesquisa. Ela não esteve à frente do editorial apenas nas edições de janeiro, fevereiro/março e abril de 1933 e, no mesmo período inicial, ainda trouxe para a revista os contos denominados “Um caso de consciência” (abril de 1932), “Cativa” (maio de 1932) e “Perdão!” (abril de 1933); os poemas “Pai João” (maio de 1932) e “Três quadras” (abril de 1993); o elogio fúnebre “*In memoriam*” à médica e feminista baiana Francisca Prager Fróes (julho de 1932); o texto apologético “Feminismo” (fevereiro/março de 1933); e a crônica “Terra Carioca” (maio de 1933).

N.º 1

BRASIL FEMININO

Anno I

Da Mulher — Para a Mulher — Pela Mulher

Directora — IVETA RIBEIRO

Redacção e administração: RUA GONÇALVES DIAS, 78 -1º andar

Telephone 3-5416

FEVEREIRO DE 1932

RIO DE JANEIRO

DE INICIO

Tendo-se chegado a uma época em que a mulher brasileira, desembaraçada de erros e primitivos preconceitos, manifesta suas aptidões mentaes e ostenta sua capacidade e energia, lutando ao lado do homem em todos os ramos de actividades modernas; caminhando com elle, a par e passo, em demanda do progresso moral e material da patria; conquistando palmas de victoria pelos esforços dispendidos com estudos superiores; irmanando-se a elle nas glorias artistica e intellectuaes; cooperando eficientemente no desenvolvimento do commercio e das industrias; batallhando, na imprensa, por altos ideaes politicos; preparando o povo de amanhã, a dirigir escolas, collegios e institutos educativos, animando enfim a vida social e economica do paiz, necessario, indispensavel, se torna vno e da collaboraçao dispensa nos jornaes, a creação de mais alguma coisa alem do li- que prova o valor do elemento complement- tar da patria brasileira.

O livro se bem que expressão superior da mentalidade, é documento que fica restricto a um determinado circulo de conhecedores. Não está ao alcance de todos. Não penetra em todos os lares, e, raramente, sae das fronteiras da nossa terra, maxime, o livro feminino. Ter um nome nas letras e nas artes nacionaes, já sendo uma victoria, ainda não é tudo, porque nunca se con- segua divulgar-o em todo o territorio nacional, e muito menos tornal-o conhecido no estrangeiro. Os trabalhos e noticias publicados em jornaes, embora repre- sentem mentalidades de valor, não são contudo, documen- tação indiscutivel da força creadora da mentalidade femini- na do Brasil, e, foi pensando, ha muito, em tudo isso, que resolvi crear a presente revista, como elemento inicial de demonstração de capacidade creadora, de iniciativa, de coe- hesão de vontades, de cultura, de intelligencia e de solidarie- dade da mulher no Brasil. Porque fui eu quem a criei, não é minha esta revista — é de todas as brasileiras. Comprehen- dendo as finalidades que lhe quiz dar, estou certa de que não ha- verá patricia minha que não ampare a minha iniciativa, porque de todas será a gloria de sua victoria na imprensa brasileira.

Sei bem que não fui a pioneira da idea de se crear uma pu- blicação de caracter absolutamente feminino. Antes de mim, personalidades de muito mais merecimento, tentaram fazel-o. Não me cabrá pois, a gloria de ser a iniciadora de tão ne- cessario empreendimento, porém, se desta vez vencer a ideia, é que Deus permitiu que fosse eu a cultora da semente que ficara esquecida no chão.

IVETA RIBEIRO

Não trabalharei sózinha a transformar o embrião de agora em frondosa e florida arvore de amanhã.

Reunidas á minha vontade estão outras vontades superiores. Todas juntas, renovando o symbolismo evangelico das varas de vime, seremos uma força capaz de resistir ás difficuldades da época financeira que atravessa a nossa terra; aos precalços natu- rales das iniciativas em comeco, e ao indifferentismo possivel de certas camadas sociais. Ellas, as minhas companheiras do sonho, e eu, faremos da união das nossas vontades o escudo in- quebrantavel que nos resguarde dos ataq- ues de desanimo e de fraqueza e estamos certas de que a pureza das nossas intenções e a sinceridade do nosso esforço nos levarão á victoria sonhada, isto é, dar ao Bra- sil um documento inophismavel, com que se possa orgulhar de suas filhas, perante todas as nações do mundo!

É vasto o programma de acção de «BRASIL FEMININO»; não poderá ser cumprido em pouco tempo; carecerá mesmo de muito sacrificio, de muita coragem, de muita persistencia para ser cumprido fiel- mente, mas ao tratal-o, contei primeiro commigo propria, depois de consultar a grandeza do ideal que me anima; depois com a capacidade intellectual das companheiras que escolhi para a jornada difficil; depois com o amparo de toda a intellectualidade femi- nina da minha patria, e por fim, pensando, que sem um alcebre forte não se póde erguer fortalezas, com todas as mulheres do Brasil, pois para ellas é a nossa revista, dellas depende a sua vida, por ellas trabalharemos sem descanço!

Mulheres Brasileiras! Aqui está o fructo de uma ini- ciativa renovada. «BRASIL FEMININO» é vossa. Fazei della a vossa credencial perante nossas irmãs estrangeiras! Uni com ella todos os espiritos cultos da terra, cambiando idéas e sentimentos, lições e conhecimentos. Fazei della o arauto da vossa cultura; a força defensiva de vossos direitos; o espelho em que se reflecta a vossa alma generosa, clara, illuminada e pura!

No lar ou na sociedade; na officina ou no escriptorio; nas academias ou nos cenaculos, enfim, por toda a parte onde hoje, incontestavelmente, se impõe a vossa vontade e a vossa cultura, fazei da nossa revista um pavilhão de espirito, de graça e de superioridade, não como órgão aggressivo de um feminismo combativo e intransigente, creador de ridiculos justificados e de antipathias derrotistas, mas como luminosa e amiga demon- stração de Igualdade, de Liberdade e de Praternidade!

- o primeiro editorial sob o título "De início" publicado por Iveta Ribeiro -

ESCRITA FEMININA E IMPRENSA: TRÊS ESTUDOS DE CASO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO
LUSO-BRASILEIRO



- detalhe da figura anterior, com destaque para o retrato de Iveta Ribeiro -

No editorial “De início” de inauguração (BRASIL FEMININO, fev. 1932, p. 3), Iveta Ribeiro apresentava o escopo editorial da novel edição e definia suas concepções acerca do movimento feminista. Logo na abertura do texto, a jornalista deixava evidenciada a sua visão acerca do papel social da mulher, afirmando que chegara a “época em que a mulher brasileira, desembaraçada de errôneos e primitivos preconceitos, manifesta suas aptidões mentais e ostenta sua capacidade e energia, lutando ao lado do homem em todos os ramos de atividades modernas”, vindo a caminhar “com ele, a par e passo, em demanda do progresso moral e material da pátria”, bem como “conquistando palmas de vitória pelos esforços dispendidos com estudos superiores, irmanando-se nas glórias artísticas e intelectuais” e “cooperando eficientemente no desenvolvimento do comércio e das indústrias”. Além disso, considerava que as mulheres poderiam agir ainda “batalhando, na imprensa, por altos ideais políticos, preparando o povo de amanhã, a dirigir escolas, colégios e institutos educativos” e, por fim, “animando a vida social e econômica do país”. Para tanto, segundo a redatora, seria “indispensável a criação de mais alguma coisa além do livro e da colaboração dispersa nos jornais”, apontando para as limitações de cada um desses meios de divulgação, uma vez vistos isoladamente.

De acordo com Iveta Ribeiro, o mais eficiente difusor de tais perspectivas seria a revista, a qual atuaria “como elemento inicial de demonstração de capacidade criadora, de iniciativa, de coesão de vontades, de cultura, de inteligência e de solidariedade da mulher no Brasil”. Buscava esclarecer assim que não fora apenas a sua ação que levava à criação do magazine, afirmando que

“não é minha esta revista” e sim “de todas as brasileiras”. Nessa linha, demarcava que, ao compreender as finalidades que pretendia dar aquela edição, não haveria “patricia que não ampare a minha iniciativa, porque de todas será a glória de sua vitória na imprensa brasileira”. A diretora reconhecia que não lhe caberia “a glória de ser a iniciadora de tão necessário empreendimento”, mas que a vitória daquele projeto, permitiria a si o reconhecimento de que fora “a cultora da semente que ficara esquecida no chão”.

A responsável pela recém-lançada publicação garantia que a mesma seria fruto de um trabalho coletivo, ao dizer que não teria trabalhado “sozinha a transformar o embrião de agora em frondosa e florida árvore de amanhã”, pois, reunidas à sua “vontade estão outras vontades superiores” e, “todas juntas” seriam “uma força capaz de resistir às dificuldades da época financeira que atravessa a nossa terra, aos percalços naturais das iniciativas em começo e ao indiferentismo possível de certas camadas sociais”. Nesse sentido ela se colocava junto de suas “companheiras de sonho”, vindo a fazer “da união das vontades o escudo inquebrantável que nos resguarde dos ataques de desânimo e de fraqueza”, permanecendo todas “certas de que a pureza das intenções e a sinceridade do esforço” levariam “à vitória sonhada”, ou seja, a de “dar ao Brasil um documento insofismável, com que possa se orgulhar de suas filhas, perante todas as nações do mundo”.

Na concepção da editora do *Brasil Feminino*, seria “vasto o programa de ação” da revista, o qual não poderia “ser cumprido em pouco tempo”, além de

necessitar “de muito sacrifício, muita coragem” e “muita persistência para ser cumprido fielmente”. Diante disso, assegurava que, ao traçar o conteúdo programático da publicação, contara inicialmente consigo mesma, ao “consultar a grandeza do ideal” que lhe animava, e também “com a capacidade intelectual das companheiras” escolhidas “para a jornada difícil”. Apontava que se somava a isso o “amparo de toda a intelectualidade feminina de minha terra, e, por fim, pensando que sem um alicerce forte não se pode erguer fortalezas, com todas as mulheres do Brasil”, já que, “para elas é a nossa revista, delas depende a sua vida” e “por elas trabalharemos sem descanso”.

Em tom exortativo, a redatora conclamava as “mulheres brasileiras”, declarando que ali estava “o fruto de uma iniciativa renovada”, de modo que o “*Brasil Feminino* é vossa”, devendo todas fazer “dela a vossa credencial perante nossas irmãs estrangeiras”, e a unir por meio dela “todos os espíritos cultos da terra, cambiando ideias e sentimentos, lições e conhecimentos”. Acrescentava a isso a perspectiva de que as mulheres deveriam fazer do periódico “o arauto da vossa cultura, a força defensiva de vossos direitos, o espelho em que se reflita a vossa alma generosa, iluminada e pura”. Mantendo o caráter de conclamação, a jornalista dizia que, “no lar ou na sociedade, na oficina ou no escritório, nas academias ou nos cenáculos” e “em toda parte onde incontestavelmente se impõe a vossa vontade e a vossa cultura”, todas as mulheres deveriam fazer daquela revista “um pavilhão de espírito, de graça e de superioridade, não como órgão agressivo de um feminismo combativo e intransigente, criador de

ridículos justificados e de antipatias derrotistas”, mas sim “como luminosa e amiga demonstração de igualdade, de liberdade e de fraternidade”.

No segundo editorial “De início” publicado pela editora (BRASIL FEMININO, mar. 1932, p. 5), ela se mostrava satisfeita com a recepção que a revista obtivera junto ao público e aos demais representantes da imprensa. Perante tal constatação, retomava sua meta com aquele empreendimento impresso, vinculando-o ao “ideal de reunir numa só, todas as almas femininas da minha terra”, fazendo “dessa união sincera e inquebrantável, uma força construtora e magnífica” e, “dessa união perfeita, real, uma das alavancas para erguer a pátria ao nível de todas as pátrias mais adiantadas, mais poderosas e mais respeitadas”. Após tal constatação, Iveta Ribeiro questionava se aquele se tratava de “um ideal feminista”, apresentando uma resposta afirmativa, com a ressalva de que constituía “um feminismo que, em vez de tirar à mulher as prerrogativas naturais do sexo e afastá-la do lar, que deve ser sempre o seu posto sagrado”, servisse como um “orientador dentro de seus direitos e, sem violências nem arrogâncias, lhe dê maior liberdade de ação, melhor compreensão de seus deveres humanos e o brilho pleno de seu espírito educado, culto, superior”.

Para a diretora do *Brasil Feminino* esse ideal que lhe orientara na execução do periódico, levava-a “a fazer das fraquezas forças, trabalhando há mais de vinte anos, sem esmorecer nunca”, servindo-se “de todos os meios que a pena e a palavra oferecem”, em um quadro pelo qual, “em tanto tempo decorrido, passando sobre muitos obstáculos, ainda não diminui a beleza” do seu “sonho, e

cada vez é mais verde a esperança que o anima”. Dizia que estava “vencida com a presente revista uma grande e generosa etapa”, fator que viria a lhe confortar “a alegria de me sentir apoiada por tantos espíritos cultos da minha terra” e reforçava que “a obra idealizada agora não é só minha” e sim “de todas que, sob a benção eterna do Cruzeiro do Sul, compreendam a necessidade de, com coesão de ideias e de esforços, transformar o embrião de agora em colosso de amanhã”. Assim, demarcava que seus intentos se direcionavam para todas as mulheres que “compreendam que a união é a maior força e o espírito a melhor arma” e ainda as que tivessem “dentro da alma a chama viva de um verdadeiro amor pela nossa terra tão linda” e às possuidoras de “força, beleza ou espírito para atingir a plenitude de seu prestígio em face do mundo”.

A matéria editorial seguinte (BRASIL FEMININO, abr. 1932, p. 3) voltou-se para reflexões acerca do “tão discutido feminismo”, tema que, segundo Iveta Ribeiro, “a muitos parece encantador e a outros se afigura um flagelo”, tratando-se de um debate “curioso”, que era realizado “sobre vários aspectos e em vários tons”. Com uma visão otimista, alegava que, “enquanto se discute as vantagens ou os tropeços criados pelo desenvolvimento da luta pelos direitos sociais e políticos da mulher”, a mesma permanecia “indiferente a tudo, superior a tudo, calada, persistente, tenaz no seu sonho de compartilhar de todas as lutas e de todas as vitórias do seu companheiro, querido ou odiado, indiferente ou precioso”, vindo a vencer “todos os obstáculos e conquistando seus direitos naturais até pelas leis básicas da natureza”.

A editora do periódico fazia referência a um caso divulgado pela imprensa, no qual um indivíduo desempregado reclamava que as representantes do sexo feminino estariam a “ocupar posições sociais” antes privativas dos homens, tendo ele, por causa de uma senhorita, perdido um “rendoso emprego público”. Diante disso, a jornalista contrapunha que a mulher em questão não tinha culpa alguma e argumentava que, “mesmo antes da cooperação feminina” na prestação de serviços, “sempre houve luta pela vida, porque isso tudo é condição básica das sociedades e feição natural da humanidade”, sem que deixasse de haver “urbanidade, gentileza e boas maneiras entre os próprios homens”, vindo a recomendar ao reclamante “educação de maneiras” e “superioridade de espírito” para vencer seus obstáculos. Para ela os progressos feminis seriam irreversíveis, devendo haver um esforço para convencer os ressentidos, fazendo-lhes “sentir que a mulher evoluindo, cooperando no trabalho comum de elevar o nível moral do mundo, tomando a si, voluntariamente, parte das responsabilidades morais do homem” e ainda “conquistando o direito de lutar no campo imenso das possibilidades criadoras de melhorias sociais”, não perderia “nunca o respeito que merece”.

Em maio de 1932, *Brasil Feminino* trouxe matérias especiais alusivas à Lei Áurea. A escolha da direção da revista não caíra sobre outros indivíduos alocados no panteão dos denominados heróis nacionais, tão em voga naqueles anos 1930 e sim, propositalmente, sobre uma personagem feminina, a Princesa Isabel, que assinara a legislação que extinguiu o trabalho escravo no Brasil. Isso se confirmou também no editorial de Iveta Ribeiro que buscou glorificar a

personalidade, a qual teria “vindo ao mundo para ocupar um grande e suntuoso posto em face do universo”, ficando “superior a todas as mulheres da pátria”, uma vez que descera “os degraus do trono poderoso de Princesa da maior nação do mundo, para estender a mão caridosa e amiga aos mais humildes e desgraçados dos mortais”. A jornalista enfatizava aquilo que considerava como um altruísmo de Isabel, ao apoiar a lei abolicionista, sabendo que tal passo seria decisivo para a descontinuidade da Monarquia e, portanto, em prejuízo de sua própria ascensão ao trono, de modo que, tal “sacrifício” servira para que ela recebesse “hinos de lisonja” e “cânticos de glórias dos heróis”, ao redimir “a pátria do maior dos erros” e impondo-se “à admiração do mundo” (BRASIL FEMININO, maio 1932, p. 3).

O tema de mais uma coluna “De início” foi a tradição, considerada como um princípio fundamental para a “alma” de um país. A escritora mostrava-se preocupada com os “modernismos extravagantes”, que estariam “matando rapidamente todas as tradições que já se iam criando na vida da nacionalidade”. Argumentava ainda que “tudo o que de poético, de emocional, de belo”, que “existiu no nosso curto passado de país em formação”, passara a ser “repudiado como arcaísmos perniciosos”. Reclamava dos hábitos e costumes advindos do exterior, que estariam a prejudicar as práticas essencialmente nacionais, como o caso das preferências pelas festividades de “*réveillon*”, que estariam provocando o esquecimento da “doçura comovedora das antigas ceias patriarcais, quando se reunia toda a família para a comemoração suavíssima”. Sua preocupação voltava-se ainda a um possível esvaziamento das denominadas festas juninas,

com sua “alegria, misticismo e poesia”, que estariam sendo substituídas por estrangeirismos. Diante disso concluía com a manifestação do desejo de que o Brasil não viesse “a ser *uma grande alma sem saudade*” (BRASIL FEMININO, jun. 1932, p. 3).

A crítica de costumes era a base de outro editorial que visava a debater um tópico, que aparecia como “um dos mais graves motivos criadores de dificuldades, quer pessoais, quer coletivas, para entravar aspirações íntimas ou iniciativas sociais”, o qual seria “o egoísmo”. Dissertando sobre os males advindos das ações egoísticas, a jornalista colocava entre elas “o cativo moral em que a mulher viveu sempre”, vindo a ressaltar que as representantes do sexo feminino agiram para “acabar com esse negro sentir de inveja e de maldade”, pois, com suas “dedicações e superioridades de espírito”, obtiveram “a liberdade de pensar e de querer”. Ela saudava o momento em que “a mulher ingressou em todos os setores da arte, brilhando ao lado do homem”. Além disso, manifestava o desejo de que “a mulher artista não esqueça nunca que ser boa é o seu principal dever e a sua única arma para vencer verdadeiramente”, já que “a bondade é o único alicerce que nunca se esboroa” e tendo em vista que “uma glória adquirida sem bondade é vitória incompleta, que raras vezes se firma, e quando consegue firmar-se tem seu fulgor diminuído” (BRASIL FEMININO, jul. 1932, p. 5).

O assunto do editorial de novembro de 1932 era a pacificação do país, com o encerramento e a derrota do movimento insurrecional paulista desse ano, o qual intentara derrubar os governantes que assumiram o poder em 1930. Com

alívio, Iveta Ribeiro afirmava que “passou a tempestade”, pois, “o negro pesadelo, que martirizava uma pátria destinada a todas as glórias, teve o seu fim, deixando embora no coração brasileiro um fundo sulco de dor” e “uma grande expressão de pena”. Ressaltando o papel feminino, a diretora destacava que, diante do “mais doloroso dos episódios da vida nacional, todas as mulheres brasileiras, unidas e fortes no mesmo sentimento, queriam a paz, pediam a paz, esperavam a paz”, tendo para tanto se mobilizado e destinado suas preces de fé. Enfatizava ainda que a ação feminina, mormente quanto ao “seu espírito de sacrifício posto ao serviço do socorro aos famintos e aos enfermos do corpo e da alma”, teria sido fundamental “para o advento augusto da paz, que reconciliou irmãos, que abafou paixões inferiores”, fazendo ainda “nascer em todos os corações essa grande esperança em uma nova era de paz, de harmonia e de trabalho”. Falando em nome do *Brasil Feminino*, a redatora se referia à interrupção da circulação do periódico, descrevendo que o mesmo saíra “do letárgico torpor” em que “mergulhou, transido de pena e de apreensões, ressurgindo à luz do sol para reencetar a luta pelo seu altíssimo ideal, cheio de fé no futuro e na esperança”. Saudava também “a entidade superior” que no magazine vinha se “refletindo como em um espelho de luz”, ou seja, “a mulher brasileira”, vindo a louvar “sua nobilíssima atitude em face da desventura que passou e incitando-a a prosseguir no seu divino mister de pacificadora” e “de construtora das glórias da nacionalidade” (BRASIL FEMININO, nov. 1932, p. 4).

O enaltecimento à tradição e a manifestação da fé religiosa tomavam conta de vários dos textos apresentados em *Brasil Feminino* no mês de

encerramento de 1932. Na mesma linha seguiu o editorial redigido por Iveta Ribeiro que se concentrou nas comemorações do natal, considerado por ela como “suavíssima e linda” e “a mais emotiva das tradições”, o qual carregava consigo “um sentimento místico” que constituía “fonte inspiradora de poetas líricos, de artistas de sensibilidade delicada” e “de almas que pairam acima do utilitarismo absorvente da vida dos civilizados”. De acordo com ela, a época natalícia vinculava-se a uma “tradição que teve o seu advento com o aparecimento do divino pregador da mais clara e construtora de todas as doutrinas filosófico-religiosas”, a qual teria alcançado “as cinco partes do mundo, pela sua beleza e pela sua poesia”, vindo a conseguir “empolgar mesmo os que não professam o credo que a criou”, chegando até a contemporaneidade “com o mesmo esplendor místico de pureza e de suavidade, resistindo a todas as correntes renovadoras e a todas as evoluções mais ou menos avançadas”. Imaginava ainda a data em pauta como de congraçamento entre os indivíduos, ao propor uma “comunhão de respeito e de fé” entre todos. Na perspectiva da jornalista, o natal passara a servir como um momento de propagação de sentimentos e atitudes em torno da caridade, notadamente no atendimento aos desvalidos, além da bondade, da justiça, do perdão, do amor e da paz, o que daria ao 25 de Dezembro a caracterização de “tradição mais linda”, que serviria como lenitivo para abrandar “todas as dores e todos os sofrimentos da humanidade sempre insatisfeita” (BRASIL FEMININO, dez. 1932, 6).

Já em maio de 1933, Iveta Ribeiro volta a assumir a redação do editorial “De início” e o desse número tornava-se especial, uma vez que estaria sendo

cumprida uma “primeira etapa”, com a comemoração do primeiro aniversário da revista (BRASIL FEMININO, maio 1933, p. 10). Para a diretora tratava-se de “um ano de luta, de conquistas” e “de vitórias”, com “todo um caminho percorrido”, sem que um conjunto de “empecilhos, precipícios, entraves” e “barreiras de toda a espécie, tolhesse os passos, quebrasse o ânimo, desviasse do roteiro” e “nem perdesse de vista o ideal” traçado desde o primeiro número. Na sua concepção, aquele feito constituía verdadeiro “milagre de vontade, de coragem” e “de espírito”, pois, “no curto prazo de um ano”, conseguira vencer “vicissitudes tremendas”, enfrentar “situações anormais do país” e lutar “com as condições criadas pela asfixiante crise a refletir-se em tudo”. Apontava que naquele período, “*Brasil Feminino* veio progredindo sempre, avançando sempre, como um batalhador indiferente a perigos e combates”, que ia “sempre em frente, buscando a vitória, sem sentir fadiga, nem medir sacrifícios, certo do triunfo porque traz Deus consigo e no escudo um lema sagrado”.

A jornalista enfatizava que durante aquele ano de circulação, “quanto sonho feito realidade, quanto obstáculo vencido, quanto caminho conquistado”, em um quadro pelo qual, “de norte ao sul do Brasil, nos países da América Latina, irradiando-se já por toda a Europa”, a revista “vive, trabalha, conquista, realiza”. Assim a publicação, em comum acordo com o “seu anseio patriótico” e “firme no seu desejo de erigir uma grande obra de beleza espiritual”, constituía “um grande sonho de confraternização perfeita”, estabelecendo uma “primeira etapa vencida”, uma “primeira vitória afirmada” e um “primeiro triunfo insofismável”. Ao lançar a pergunta retórica de quais seriam os motivos de tal

triunfo, a diretora afirmava que o mesmo se dera a partir do fato de que “a mulher de hoje sabe querer e já compreendeu que a força de sua alma é a maior energia propulsora para o progresso moral do mundo” e, especificamente no Brasil, “se começa a dar desse conhecimento, grandes e nobres exemplos”.

Segundo Iveta Ribeiro a revista que editava era fruto de uma ação coletiva, ao exaltar que “*Brasil Feminino* não marca sua primeira etapa gloriosa, para a conquista da plenitude de um ideal nobilíssimo, pela vontade de uma mulher, mas pela união de vontades de muitas mulheres”. Na sua opinião, “sem essa coesão de vontades, sem essa confraternização de almas, sem união de esforços”, não teria sido possível resistir “aos furiosos embates de adversidades que das convulsões políticas nacionais nasceram”. Em igual sentido, dizia que “sem esse congraçamento de valores femininos”, a “vitória seria impossível”, mas que, com ele, houvera “uma autêntica e gloriosa vitória”. Utilizava-se assim daquela “página de início” para, “com a alma plena de alegria, esquecida de sacrifícios e desilusões”, vir a saudar suas “companheiras de ideal e de sonho, esse punhado de batalhadoras sinceras que, desde o início da publicação”, vinham “emprestando o brilho de seus nomes ilustres e de seus talentos de escol”. Dessa maneira, saudava “todas as mulheres de espírito e de ação que têm dado o prestigioso apoio de suas penas consagradas e de sua ação construtora, quer no Brasil amado, quer pelos pontos do mundo onde encontrou eco o nosso apelo”, assim como as demais auxiliares naquela caminhada que ajudaram “a vencer a presente e animadora etapa”.

Assim, ao longo do primeiro ano de existência da revista *Brasil Feminino*, Iveta Ribeiro lançou mão da estratégia jornalística para promover a luta por um novo papel social para a mulher e buscar a integração entre escritoras e leitoras do sexo feminino. Ainda que o feminismo defendido pela jornalista fosse de cunho mais conservador, propondo a emancipação feminil “ao lado do homem” e evitando editar um “órgão agressivo de um feminismo combativo e intransigente”, não deixou de defender ideais feministas perante as reações contrárias a ele. Quanto ao projeto integracionista de autoras, a diretora do magazine moveu significativo esforço para estabelecer um constante intercâmbio com várias partes do Brasil, da América do Sul e da Europa, dando voz e vez às “mulheres de letras”, desde as mais reconhecidas no mundo literário até outras, pouco conhecidas ou noviças. A modernidade tão em voga à época da República Nova atuou muito a contento para a difusão das revistas ilustradas, entre as quais esteve a editada por Iveta Ribeiro, entretanto, a modernização tecnológica e a dos meios de comunicação e transporte ainda não eram suficientes para permitir maiores facilidades para a execução das permutas propostas a partir do *Brasil Feminino*, dependendo ainda da troca de correspondências e do tempo demandado para os envios e recebimentos, exigindo um esforço redobrado para a emissão/recepção das cartas e mesmo dos textos das colaboradoras, o que criava grande quantidade de óbices para a organização do periódico. Levando em frente um trabalho editorial de cunho unipessoal, pelo qual atuava nas diversas etapas da realização do magazine, e expressando tal ação por meio da redação das matérias editoriais “De início”, Iveta Ribeiro levou em frente um projeto pela emancipação feminina e pela

articulação entre as mulheres, buscando conciliar princípios tradicionais e inovadores na confecção de sua revista³.

Fontes:

- BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Rio de Janeiro, a. 10, n. 126, out. 1962, p. 5.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, fev. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, mar. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 3, abr. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 4, maio 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 5, jun. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 6, jul. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 7, nov. 1932.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 8, dez. 1932.

³ Texto publicado originalmente em MENDES, Algemira de Macêdo & BORRALHO, José Henrique (orgs.). *Literatura, gênero, imprensa: diálogos diaspóricos*. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 25-55.

- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 10, fev. – mar. 1933.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 12, maio 1933.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, a. 3, n. 25, nov. – dez. 1935.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, a. 62, n. 21348, 31 out. 1962, p. 2.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, a. 33, n. 12258, 31 out. 1962, p. 4.
- A NOITE. Rio de Janeiro, a. 55, n. 17066, 31 out. 1962, p. 6.

Referências bibliográficas:

BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BUITONI, Dulcília Schoreder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

FLORES, Hilda Agnes. Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 109-122.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira & SIMÕES, Renata Duarte (orgs.). *Entre tipos e recortes : histórias da imprensa integralista*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v.1, p. 211-236.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 365-384.

PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa: Planeta Editora, 1992.

RIBEIRO, Iveta. *Poetisas portuguesas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 1945.

SANTOS, Olinto. Dicionário do teatro no Brasil. In: *Casa dos artistas – boletim especial*. Rio de Janeiro, 24 ago. 1937, n. único, p. 1-5.

SCALZO, Marília. *Jornalismo em revista*. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVEIRA, Joel. As aventuras de D. Iveta. In: *Diretrizes*. Rio de Janeiro, a. 4, n. 79, 25 dez. 1941, p. 9, 28 e 34-35.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

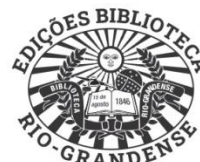


A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com

9 786553 060555

ISBN: 978-65-5306-055-5